

**CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR REINALDO RAMOS/CESREI
FACULDADE REINALDO RAMOS/FARR
CURSO DE BACHARELADO EM DIREITO**

ANA BEATRIZ CANDIDA LIMA DOS SANTOS

**A TUTELA CARCERÁRIA DO ESTADO SOBRE A PESSOA
TRANSEXUAL**

Campina Grande - PB

2018

ANA BEATRIZ CANDIDA LIMA DOS SANTOS

A TUTELA CARCERÁRIA DO ESTADO SOBRE A PESSOA TRANSEXUAL

Trabalho Monográfico apresentado à
Coordenação do Curso de Direito da
Faculdade Reinaldo Ramos – FARR,
como requisito para a obtenção do grau
de Bacharel em Direito.

Orientadora: Prof.^a Ma. Ângela Paula
Nunes Ferreira.

Campina Grande – PB

2018

-
- S237t Santos, Ana Beatriz Candida Lima dos.
A tutela carcerária do Estado sobre a pessoa transexual / Ana Beatriz Candida Lima dos Santos. – Campina Grande, 2018.
86 f.
- Monografia (Bacharelado em Direito) – Faculdade Reinaldo Ramos-FAAR – Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos-CESREI, 2018.
"Orientação: Profa. Ma. Ângela Paula Nunes Ferreira".
Referências.
1. Sistema Penitenciário Brasileiro. 2. Transexual – Tutela Estatal – Brasil. 3. LGBTI+ – Direitos. I. Ferreira, Ângela Paula Nunes. II. Título.

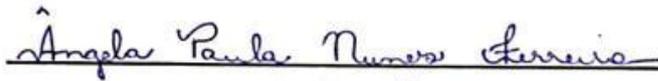
CDU 343.81-055.34(81)(043)

ANA BEATRIZ CANDIDA LIMA DOS SANTOS

A TUTELA CARCERÁRIA DO ESTADO SOBRE A PESSOA TRANSEXUAL

Aprovada em: 11 de dezembro de 2018.

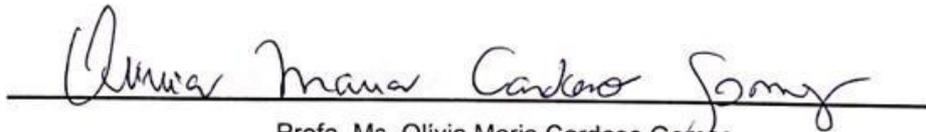
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ms. Ângela Paula Nunes Ferreira

Faculdade Reinaldo Ramos FARR/ CESREI

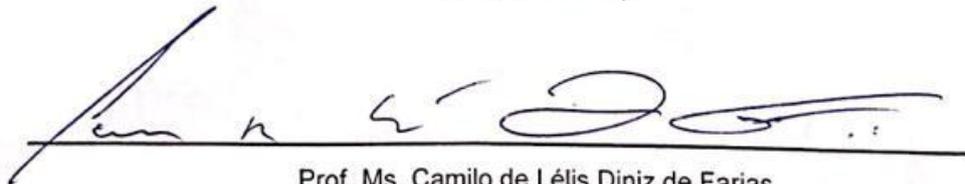
(Orientador)



Profa. Ms. Olívia Maria Cardoso Gomes

Faculdade Reinaldo Ramos FARR/ CESREI

(1º Examinador)



Prof. Ms. Camilo de Lélis Diniz de Farias

Faculdade Reinaldo Ramos FARR/ CESREI

(2º Examinador)

Emily, Ludimilla e Bernardo. Vocês me inspiram.

AGRADECIMENTOS

À Ângela, por ter aceitado o convite de me orientar, e fazê-lo com tamanha maestria e incentivo, durante todo o percurso.

Aos meus pais e irmãos, pelos puxões de orelha.

Aos professores e funcionários da Faculdade Reinaldo Ramos, especialmente Prof. Lênio Barros e Íris, por toda colaboração e paciência.

Aos funcionários da Penitenciária Raymundo Asfora, agentes e diretores, pela assistência e cuidado.

Aos servidores da Vara de Execuções Penais de Campina Grande, e Juiz Titular, Dr. Gustavo Pessoa Tavares de Lyra.

Aos amigos: Andréa Castro, Pamella Karollyne, Patrícia Brasil, Fernandinho, Karla Lizianne, Natalya Soares, Adriana Souza, Andrei Rodrigues, Adysia Moreira, Maria Carolina, e tantos outros que não cabem em uma página.

E aos que têm um pedaço de si nesse projeto: Loriele Dourado e Rafael Cabral.

Não teria sido possível chegar aqui sem vocês, muito obrigada.

“As rosas da resistência nascem no asfalto. Recebemos rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas.”

Marielle Franco

RESUMO

Diante do inegável avanço de direitos e visibilidade de grupos de minorias (mulheres, negros, LGBTI+, entre outros), e ainda mais, da reconhecida defasagem do sistema penitenciário brasileiro, o presente trabalho se propõe a analisar a adaptação do Estado e das instituições carcerárias a casos tão específicos quanto à tutela de indivíduos que não se identificam com o sexo de nascimento, enquanto sujeitos à disposição da justiça na esfera prisional, sob a égide de Garantias Constitucionais, Direitos Humanos e legislação específica, ao mesmo tempo em que deve garantir a segurança necessária ao cumprimento da pena em seu sentido amplo de punibilidade e ressocialização. Trata-se de pesquisa exploratória, não tendo como fim propor hipóteses precisas e operacionais. A coleta de dados acontece mediante procedimento de pesquisa-ação, trabalhando com estudo de caso, através de entrevista semiestruturada com duas mulheres transexuais encarceradas em presídio masculino na Cidade de Campina Grande-PB, para desenvolver e/ou esclarecer conceitos e ideias preconcebidas acerca do tema. O exame dos dados permite identificar questões problemáticas como que ainda é necessária uma preparação adequada de agentes públicos para lidar com indivíduos que não se enquadram ao modelo dicotômico de gênero. Apesar disso, alguns pontos positivos foram verificados, como a tentativa do Estado, e consequentemente do judiciário, de se adequar às mudanças sociais, questão essa, que é inerente à atuação do Direito, ao possibilitar que as pessoas trans tenham uma cela específica para morar, enquanto presas tuteladas pelo poder estatal.

Palavras-Chave: Sistema Penitenciário. LGBTI+. Tutela estatal.

ABSTRACT

In the face of the undeniable advance of rights and visibility of minority groups (women, black people, LGBTI+, among others), and even more, of the acknowledged lag of the Brazilian penitentiary system, this paper proposes to analyze the adaptation of the State and institutions prisoners to cases so specific as to the custody of individuals who do not identify with the sex of birth, as they are subject to the provision of justice in the prisons, under the aegis of Constitutional Guarantees, Human Rights and specific legislation, at the same time should ensure the security necessary to fulfill the sentence in its broad sense of punishment and resocialization. It is an exploratory research, not intended to propose precise and operable hypotheses. Data collection happens through an action-research procedure, working with a case study, through a semi-structured interview with with two so-called transsexual women imprisoned in a male prison in the City of Campina Grande-PB, to develop and/or clarify preconceived concepts and ideas about theme. Examination of the data allows identifying problematic issues such as the need for adequate preparation of public agents to deal with individuals who do not fit the dichotomous gender model. Despite this, some positive points have been verified, such as the attempt of the State, and consequently of the judiciary, to adapt to social changes, an issue that is inherent in the practice of Law, by enabling trans persons to have a specific cell to live, while imprisoned by state power.

Key words: Penitentiary System. LGBTI+. State tutelage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	14
1 DESCONSTRUINDO GÊNERO	14
1.1 A NECESSIDADE DE UM ÚNICO SEXO	14
1.2 TRAVESTILIDADE, TRANSEXUALIDADE E QUESTÕES <i>QUEER</i>	16
1.3 A DICOTOMIA DO SISTEMA NORMATIVO.....	17
CAPÍTULO II	20
2 “VIGIAR E PUNIR” NO ORDENAMENTO JURÍDICO PÁTRIO	20
2.1 O SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO	21
2.2. ADEQUANDO OS CORPOS	22
CAPÍTULO III	24
2 AS SETE VIDAS DE SABRINA	24
3.1. QUESTÕES ÉTICAS	24
3.2 DA ENTREVISTA	26
3.2.1 A vida em família	26
3.2.2 A vida social	27
3.2.3 A vida das drogas.....	28
3.2.4 A vida da violência.....	29
3.2.5 A vida do crime	30
3.2.6 A vida na cadeia	31
3.2.7 A vida após o cárcere	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
APÊNCIDES	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICE A	Erro! Indicador não definido.
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.
Anexo I – Ofício ao Diretor da Penitenciária Raymundo Asfora. .	Erro! Indicador não definido.
Anexo II – Ofício ao Juiz da Vara de Execuções Penais	Erro! Indicador não definido.
Anexo III – Apresentação	Erro! Indicador não definido.
Anexo IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) I	Erro! Indicador não definido.
Anexo V – Autorização para Participação I.....	Erro! Indicador não definido.
Anexo VI – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) II	Erro! Indicador não definido.

Anexo VII – Autorização para Participação II	Erro! Indicador não definido.
Anexo VII – Autorização para Participação II	Erro! Indicador não definido.
Anexo VIII – Autorização Judicial	Erro! Indicador não definido.
Anexo IX– Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa	Erro! Indicador não definido.
Anexo X – Entrevista na Íntegra	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

A sociedade passa por um momento em que não é mais tolerada de forma passiva a dominação/soberania de um gênero sobre outro, de uma etnia sobre outra, de uma verdade absoluta. Tantos grupos de minorias têm saído de seus isolamentos para ganharem força. A palavra *representatividade* soa adequada para descrever àqueles que antes se escondiam, mas que passam a ganhar mais espaço na luta por visibilidade e reconhecimento.

No artigo 5º da Constituição Federal, homens e mulheres são iguais perante a lei. Uma fundamental garantia constitucional, quando considerada a histórica relação de domínio do gênero masculino sobre o feminino. Na Grécia antiga, a posição social da mulher era equiparada à dos escravos, no sentido de não dever ouvir, ver, ser educada para relações além das domésticas, agrícolas, e reprodutivas, enquanto homens que estudavam economia, filosofia e todo tipo de ciência. Xenofonte, historiador e filósofo grego, no séc. IV A.C., tratando sobre a educação da mulher, escreveu “... que viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possíveis, ouça o menor número de coisas possíveis, faça o menor número de perguntas possíveis” (Alves, Branca M. e Pitanguy, Jaqueline, 1981, p. 12).

É inegável o avanço da luta por direitos das mulheres ao longo da história, o dia 08 de março não é somente uma data vaga que ocasionalmente foi chamado de Dia da Mulher, mas é um símbolo de homenagem a mulheres mortas em um incêndio enquanto lutavam por jornadas de trabalho menos exaustivas e licença-maternidade. Contudo, sem deméritos à importância desse reconhecimento, a dicotomia ‘Masculino/Feminino’ não parece mais suficiente para abranger as mudanças sociais e englobar os indivíduos sociais. Fazendo essa colocação, cabe abordar algo relativamente novo, já que a pouco tem ganhado a tão sonhada visibilidade: a *identidade de gênero*, que trata de como a pessoa se identifica independente do gênero atribuído no nascimento. Começa-se a debater sobre a diversidade de gênero, e esse tema tem “desdobramentos práticos e exigem das instituições um posicionamento diante das demandas daqueles que não

representam uma correspondência linear entre estrutura cromossômica¹, estética genital e a identidade de gênero." (BENTO, 2012, p. 145).

Partindo dessa linha de pensamento, o presente trabalho abordará a temática das pessoas trans de modo bastante restrito: Levando em consideração o pouco debate legislativo acerca de direitos e garantias de Travestis e Transexuais, qual o cuidado considerado no momento de punir uma pessoa que assim se identifica? O sistema penitenciário brasileiro tem caráter não somente punitivo, mas ressocializante. No cenário de um sistema deficiente, quando nota-se cadeias superlotadas, pessoas presas por tempo mais longo que o devido na espera de audiências, entre tantos outros problemas, como o Estado lida ao tutelar alguém que se identifica de um gênero diferente ao biológico e garante a possibilidade do cumprimento da pena e tentativa de ressocialização? Como prover as garantias individuais de um homem transgênero, por exemplo, que não tenha passado pela total mudança de sexo (cirurgia de transgenitalização, por exemplo) ao prendê-lo no presídio masculino, junto de homens cisgênero²?

Os legisladores devem assumir a tarefa de abrir um debate sobre as questões referentes ao gênero, fora dos marcos do gênero binário. Os avanços dessa temática vêm lentamente, vendo-se, por exemplo, que somente no ano de 2018, foi decidido pelo Superior Tribunal Federal a possibilidade da alteração do gênero nos documentos pessoais sem a condicionante de longa avaliação psicológica, sem caráter autorizativo pelo judiciário, e anterior a isso, à cirurgias de transgenitalização³ (que não há muito tempo, eram tratadas como mutilação e proibidas).

Numa realidade em que direitos tão básicos quanto o uso do nome social, e a criminalização de comportamentos considerados homofóbicos, estão somente agora sendo debatidos com seriedade, é importante lembrar daquilo que é essencial, e garantido constitucionalmente: a dignidade. O presente trabalho mostra

¹ O sexo de um indivíduo é determinado por um par de cromossomos. As mulheres possuem o mesmo tipo de cromossomos sexuais (XX). Os homens têm dois tipos distintos de cromossomos sexuais (XY).

² Diz-se cisgênero quando a configuração hormonal e genital de nascença concorda com sua identidade de gênero.

³ Cirurgia de redesignação sexual, realizada em homens ou mulheres trans, para que essa pessoa possa ter o corpo que considera adequado para si.

relevância quando discute a questão destas pessoas, enquanto sendo punidas por algum comportamento delitivo, mas que ainda assim, tem o direito de serem tutelados com o devido respeito à dignidade, e no quanto ela está sendo garantida em momentos em que o Estado propõe que uma mulher transexual esteja presa numa cela com homens cisgênero, por exemplo. No âmbito acadêmico, a popularização do Direito Penal é reconhecida. Trabalhos sobre o defasamento do sistema prisional e hipóteses para melhoramento desse sistema são vistos aos montes, mas pouco se encontra sobre o que fazer nesse contexto de quase abandono das Instituições Prisionais, que devem agora lidar com casos tão específicos e complexos quanto o da tutela de pessoas transexuais. Vê-se então a importância de se começar a indagar soluções viáveis nesse contexto.

O presente trabalho analisará o modo que são tuteladas as pessoas transexuais no contexto prisional, trazendo apontamentos sobre a perspectiva de indivíduos assim identificados. Para tanto, observará e descreverá como é resguardada a dignidade pessoal dessas pessoas, enquanto garante a segurança necessária ao cumprimento da pena em seu sentido amplo de punibilidade e ressocialização.

Far-se-á uma pesquisa indutiva, pois “parte do particular e coloca generalização como um produto posterior do trabalho e coleta de dados particulares” (GIL, 2008). Não há uma grande quantidade de material que se possa usar como base para o presente estudo, dado o quão recente é o engajamento da doutrina na questão de grupos LGBTQ+⁴, principalmente no âmbito do sistema penal. Portanto o método será adequado para observação de caso concreto, e através do raciocínio lógico poder tentar alcançar conclusões mais gerais acerca do tema.

Trata-se de uma pesquisa dita básica. Tentará aumentar o conhecimento sobre um tema pouco discutido. Não há de se ter necessariamente uma aplicação prática.

⁴ Abreviação de LGBTTTQQIAA+ que representa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, “Two-Spirit”/Dois Gêneros, Queer, Questionando, Intersexual, Asexual, Aliado, Pansexual, Agênero, Gênero Queer, Bigênero, Gênero Variante, Pangênero.

É uma pesquisa embasada no método investigativo qualitativo, que tem sua aplicação quando o pesquisador busca uma compreensão extensiva e com mais objetividade e validade conceitual (ROCHA, 2008) quando ter-se-á do estudo de caso específico.

É em suma, pesquisa exploratória, ao passo que trata de tema pouco explorado, sendo difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Trabalhará com estudo de caso específico, através de entrevista não padronizada para desenvolver e/ou esclarecer conceitos e ideias preconcebidas acerca do tema.

Um estudo bibliográfico seria insuficiente para abordar o tema em questão, dado a, até então, rasa exploração doutrinária acerca do tema específico, no entanto estará presente no trabalho, e servirá para fins de contextualização e paradigma. De forma mais profunda, resta claro o uso de estudo de caso a partir da aplicação de entrevista com dois detentos da Penitenciária Raymundo Asfora⁵, conhecida como “Serrotão”, na Cidade de Campina Grande, Paraíba. Será de suma importância para explorar situação da vida real, descrever a situação do contexto em que está sendo feita a investigação e explicar as variáveis causais em situações complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2008). Não obstante usar-se também como base técnica, a proposta de CHIZZOTTI (2008), que sugere uma “pesquisa-ação” na tentativa de atingir os objetivos propostos, já que demanda estudos interpretativos.

⁵ Rua Alça Sudoeste, BR 230, S/N, Campina Grande-PB.

CAPÍTULO I

1 DESCONSTRUINDO GÊNERO

Discutir o gênero possibilita a compreensão da localização de homens e mulheres na sociedade, e como essas posições são, antes de tudo, historicamente construídas.

O fato de os homens serem reconhecidos pelo trabalho político e econômico, enquanto as mulheres são sujeitas às atividades domésticas e identificadas como esferas da maternidade, decorreria não de uma condição biológica, mas de uma construção social que designa esses locais em oposição e em assimetria.

Neste sentido, é possível ir além dos posicionamentos de um sobre outro, e correlacionar sexualidade e poder. A hierarquização e dominação do homem sobre a mulher é refletida na relação: no sentido de ativo/passivo, de quem é sujeito e quem é objeto (BOZON, 1999 apud. ANJOS, 2000, p. 275). Deste modo, têm-se a heterossexualidade como natural, advinda da norma, enquanto a homossexualidade e a reinterpretação da própria identidade de gênero subverteria o padrão, sendo assim condutas estigmatizadas.

1.1 A NECESSIDADE DE UM ÚNICO SEXO

Crianças na fase escolar aprendem sobre evolução e história, e como o *homo sapiens*⁶ evoluiu a partir de grupos mais fortes que se adaptaram às circunstâncias em busca da sobrevivência. Aprendem também sobre como as mulheres são parte de um elo mais frágil, o sexo frágil, que necessita de uma figura masculina, tida como forte e protetora, para que assim, possam cumprir com seu papel nessa cadeia sexista⁷, quais sejam, o de cuidar de atividades domésticas e familiares,

⁶ *Homo sapiens* é o nome dado à espécie dos seres humanos, de acordo com a classificação taxonômica. Esta é uma expressão latina que significa literalmente “homem sábio” ou “homem que sabe”.

⁷ Sexismo é o ato de discriminação e objetificação sexual. Quando se reduz alguém ou um grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual.

basicamente. Não sendo uma conclusão muito complexa de alcançar, esta, é construída socialmente.

O patriarcalismo⁸ vigorou no período de formação do Brasil (séc. XVI – XVII). Neste sistema, “castigos” e até mesmo o assassinato de figuras femininas, eram autorizados pela legislação, em virtude da posição de domínio e poder conferida aos homens.

Independentemente da cultura ou tradição, não há como contestar a figura feminina como personagem que sofreu, e ainda vivencia nos dias atuais, violência física e/ou emocional, opressão, repressão, entre tantas formas de agressões, em consequência da posição hierárquica que o indivíduo masculino ocupa na cadeia social humana.

É difícil estabelecer um real significado do que seja o **feminismo**⁹, pois o termo traduz todo um processo que tem raízes no passado e é construído no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Tentando simplificar a etimologia, com a finalidade de contextualização, pode-se dizer que, o feminismo é um movimento que prima uma maior igualdade do gênero feminino para com o masculino em âmbito político, econômico e social.

Sabe-se que ao longo da formação do que temos como sociedade contemporânea, vários movimentos surgiram com o intuito de empoderar certos grupos, e libertá-los da existência de comportamentos opressores, conforme Branca M. Alves e Jacqueline Pitanguy (1981) discorrem em sua obra

Saindo de seu isolamento, rompendo seu silêncio, movimentos negros, de minorias étnicas, ecologistas, homossexuais, se organizam em torno de sua especificidade e se completam na busca da superação das desigualdades sociais. (ALVES & PITANGUY, 1981, p.7)

Num contexto em que as minorias têm obtido maior visibilidade, o movimento feminista surge como precursor de novas discussões, quebrando o silêncio e dando voz aos que eram subjugados, introduzindo-os como seres de Direitos e cidadãos de fato.

⁸ Sistema social em que o homem mantém o poder.

⁹ Do francês *féminisme*.

A dicotomia entre feminino *versus* masculino, tem gerado questionamentos acerca do quanto essa condição não deveria ser preeminente para definir os indivíduos sociais. Isto posto, discute-se a **identidade de gênero**, que nada mais é do que a forma como o indivíduo se reconhece perante a sociedade: homem, mulher, ambos ou nenhum. É nesse âmbito que o termo **diversidade de gênero**¹⁰ se enquadra com primazia.

Outrossim, existem os casos de quando o sexo biológico discorda do sexo psíquico, como os transexuais e travestis, eles então, não correspondem linearmente à sua estrutura cromossômica e estética genital. Não cabe confundir este pensamento, com **orientação sexual**, que a fimco se traduz, em como uma pessoa se atrai por outro indivíduo, por pessoas do mesmo sexo = homossexual; do sexo oposto = heterossexual; ambos os sexos = bissexual; ou por nenhum deles = assexual.

Aqui não se utiliza o termo “opção sexual” pois não é algo mutável, ou seja, que se possa mudar de uma hora para outra, nem algo que esteja no campo da autonomia da vontade.

1.2 TRAVESTILIDADE, TRANSEXUALIDADE E QUESTÕES *QUEER*

A luta pelo reconhecimento dos travestis e transexuais traz muitas respostas a respeito da questão idenitária, que se configuram muito mais profundas do que os aspectos anatômicos e fisiológicos dos órgãos sexuais.

Os travestis, se identificam de maneira oposta aos padrões convencionados para o seu sexo biológico, mas mantém sua genitália. Os transexuais, por outro lado, precisam que essa identidade se adéque ao sexo biológico, inclusive o aparelho sexual que gera, em muitos casos, a necessidade de transgenitalização.

Richard Miskolci¹¹ (2009, p. 150/151) apresenta a Teoria *Queer*, que surge nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos

¹⁰ Refere-se de modo inclusivo a toda diversidade sexo, identidade de gênero e orientações sexuais.

¹¹ Professor do Departamento de Sociologia da UFSCar. Doutor em Sociologia pela USP.

sociológicos sobre minorias sexuais e gênero. Seu objeto de análise era a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. Aduz ainda, que o diálogo entre a Teoria *Queer* e a Sociologia foi marcado pelo estranhamento, mas também pela afinidade na compreensão da sexualidade como construção social e histórica. Esse estranhamento derivava do fato de que, ao menos até a década de 1990, as ciências sociais tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade.

Ainda, seguindo o pensamento dos estudos anteriores, Guacira Lopes (2004, p. 7), destaca que, o termo *Queer*, mesmo sendo traduzido na Língua Portuguesa, de forma literal, como ‘estranho’, não engloba tudo que o termo representa. Guacira coloca com propósito a desconstrução das normas impostas por uma sociedade heteronormativa, e contesta os conhecimentos e hierarquias sociais dominantes enfatizando a pluralidade sexual.

1.3 A DICOTOMIA DO SISTEMA NORMATIVO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) promove de forma inequívoca a igualdade entre os indivíduos independente de cor, etnia, gênero, entre outros, no entanto, em muitos países¹², a homossexualidade ainda é passível de punição, seja restritiva de liberdade ou até a pena de morte.

A legislação ao redor do mundo tem avançado lentamente, a exemplo do que ocorreu na China, onde somente em 1997 a homossexualidade deixou de ser considerada crime. No Brasil não é diferente, embora a prática não seja tipificada como contravenção penal, os direitos, da comunidade LGBTQ+, são considerados recentes, como, somente no ano de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu, através de decisão, a união homoafetiva como instituto jurídico, sob a égide da Constituição Federal de 1988 (CF/88), que prima pelo direito a igualdade,

¹² Segundo Associação Internacional de Gays e Lésbicas (International Lesbian and Gay Association – ILGA), até o ano de 2016, eram mais de setenta países que condenavam a prática de atos considerados homossexuais criminalmente, e treze em que o indivíduo podia ser condenado à morte por isso.

liberdade e o pluralismo irrestrito a todos os brasileiros e estrangeiros que no país residirem.

Em relação aos direitos de pessoas Transexuais, a atuação legislativa têm sido ainda mais tardia, somente no ano de 2018 a Organização Mundial da Saúde (OMS), retirou a transexualidade da lista de transtornos mentais, embora ainda apareça na Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID), constando no catálogo como “incongruência de gênero”. Em nota emitida pela OMS, é afirmado que embora as evidências apontem para o fato de que não se trata de transtorno mental, ainda pode causar enorme estigma às pessoas que são transexuais e, por isso, ainda existem necessidades significativas de cuidados de saúde que podem ser melhores se a condição for codificada sob o CID.

Quanto à alteração da identidade no registro civil, a defesa da manutenção do nome e do gênero de acordo com o sexo biológico do nascimento, não parece considerar as necessidades que as pessoas transexuais têm de serem reconhecidas de acordo com a sua psique, mas levam, tão somente em consideração, a teoria do “erro essencial sobre a pessoa”¹³, ou seja, o que importa nesse raciocínio é o risco ou o medo de que uma terceira pessoa possa se confundir com a condição daquele que objetivamente deseja que um direito seu seja assegurado.

No entanto, também no ano em curso, através de decisão, o STF, entendeu que a pessoa que se reconhece trans, tem direito a alteração de nome em seus documentos oficiais sem que tenha que passar pela cirurgia de modificação de sexo, ou que seja necessária autorização judicial, como até então era o procedimento (Recurso Extraordinário nº 670422). Os argumentos mais utilizados pelos Ministros foram do direito da dignidade da pessoa humana e ao autodescobrimento.

O transgênero tem direito fundamental subjetivo à alteração de seu prenome e de sua classificação de gênero no registro civil, não se exigindo, para tanto, nada além da manifestação de vontade do indivíduo, o qual poderá exercer tal faculdade tanto pela via judicial como diretamente pela via administrativa. (RE nº 670422)

Com isso, pode-se perceber que embora as normas jurídicas sejam originariamente heteronormativas, vide exemplos como no art. 226, § 3º da

¹³ Erro verificado na descoberta da identidade do outro, fama ou honra, que torna intolerável a convivência, conseqüentemente a vida em matrimônio.

Constituição Federal de 1988: “[...] é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento” vêm aumentando a interpretação favorável aos que não se consideram inclusos nos gêneros supracitados, assim como tem sido regulamentado matérias específicas a estes indivíduos para dar tratamento de forma íntegra e plena, sem diferença que prejudique ou menospreze esse grupo.

CAPÍTULO II

2 “VIGIAR E PUNIR”¹⁴ NO ORDENAMENTO JURÍDICO PÁTRIO

É simplista imaginar que o presídio funciona somente como um espaço fechado onde é colocado certo número de pessoas para cumprir uma pena imposta pelo Estado, devido à prática de um ato delitivo reprovável socialmente. Existem inúmeras implicações e um contexto que extrapola os muros e as grades, sobretudo, no tocante ao aparato estatal, social e humanitário, que deve estar presente no cumprimento e finalidade da pena.

A pena restritiva de liberdade tem como finalidade a prevenção (de evitar que o sujeito pratique o delito), retribuição (quando o ato já foi praticado) e a ressocialização, que preza pela pessoa poder voltar ao meio social de forma harmônica, conforme preconiza o art. 1º da lei 7210/84: “A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado”. Uma proposta que enfrenta desafios conhecidos e reconhecidos por quem tem contato com o cenário carcerário.

Um exemplo é que, segundo levantamento de dados preliminares (anexo X), o Presídio Regional Raymundo Asfora, o “Serrotão”, conta com quase o dobro de detentos que originariamente deveria comportar¹⁵.

Ademais, enquanto o Estado lida com a realidade conflitante da esfera penitenciária, outros questionamentos surgem acerca dos indivíduos que ali estão inseridos, porquanto, à medida que a sociedade se desenvolve externamente, dentro dos presídios surgem novas formas de pensar, gerando a necessidade de questionar até onde está sendo eficaz a punição aplicada, se alcança – ou se tenta alcançar – sua finalidade.

¹⁴ Alusão à obra de Michel Foucault, *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.

¹⁵ Informação obtida através de um dos agentes penitenciários.

2.1 O SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO

A superlotação das celas, sua precariedade, a existência de presos que já cumpriram sua pena e continuam encarcerados, o domínio de facções criminosas, são alguns dos problemas conhecidos no contexto social brasileiro.

O pressuposto de que os sujeitos que ali estão cometeram atrocidades e devem permanecer sob tratamento pífio, é senso comum. Isto se atrela à ideia de que o presídio é algo benéfico para a sociedade, enquanto na verdade é prejudicial, por quanto o sujeito segregado não está sendo preparado para ser reintegrado à sociedade, que deverá recebê-lo, e propiciar condições para que este não reinscinda à vida do crime, Acerca do tema, Hogemann¹⁶ aduz que

Pode-se apontar a cultura punitivista reinante e o fenômeno da mediatização do processo penal, com programas televisivos reiterando, dia após dia o aprisionamento como solução para todos os males sociais. (Hogemann, 2018, p. 338)

As garantias legais previstas durante a execução da pena, assim como os direitos humanos do preso estão previstos em diversos estatutos legais. Em nível mundial existem várias convenções como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), e a Declaração Americana de Direitos e Deveres do Homem (1948), por exemplo.

Em se tratando do ordenamento jurídico brasileiro, a CF/88 traz em seu artigo 5º, as garantias e direitos fundamentais inerentes ao ser humano, outrossim pode-se aduzir que estas garantias deveriam ser estendidas ao homem preso, bem como os muitos os incisos e leis destinados à proteção das garantias daquele que cometeu o delito.

De forma mais específica, existe a lei nº 7210/84 (Lei de Execução Penal) que dispõe sobre os direitos infraconstitucionais garantidos ao sentenciado no decorrer da execução penal.

¹⁶ Doutora em Direito pela Universidade Gama Filho/RJ, membro da Associação Nacional de Direitos Humanos Pesquisa e Pós-Graduação e Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estácio de Sá.

Ademais, o Conselho Nacional de Justiça elaborou ainda duas Cartilhas (“Cartilha da Pessoa Presa” e “Cartilha da Mulher Presa”), que tem o papel de informar à população carcerária acerca de direitos básicos e da forma como garanti-los (como direito de petição ou *habeas corpus*, por exemplo).

No campo legislativo, o estatuto executivo-penal vigente no Brasil é tido como um dos mais avançados e complexos por se basear na ideia de que a execução da pena privativa de liberdade deve ter por base o princípio da humanidade¹⁷, sendo que qualquer modalidade de punição desnecessária, cruel ou degradante será de natureza desumana e contrária ao princípio da legalidade¹⁸.

Ainda assim, vê-se relatos de rebeliões iniciadas por motivos de melhoria nas condições de vida dentro da cadeia, que são em sua realidade, sub-humanas ou degradantes como ocorreu em Fortaleza, no ano de 2017, onde os presos chegaram a dar relatos de que foram urinados por agentes do presídio.

Isto posto, vê-se que as condições em que os apenados se encontram não propiciam o objetivo pelo qual a finalidade da pena foi concebida em sua gênese.

2.2. ADEQUANDO OS CORPOS

A partir da premissa de avanço de políticas direcionadas ao público LGBTQ+, a Resolução Conjunta 1 do Conselho Nacional de Combate à Discriminação¹⁹ (CNCD) trata do acolhimento de pessoas LGBTQ+ em privação de liberdade no Brasil e estabelece, entre outros direitos, que a pessoa travesti ou transexual deve ser chamada pelo seu nome social²⁰, contar com espaços de vivência específicos, usar roupas femininas ou masculinas, conforme a identidade que lhe aprover, e manter os cabelos compridos e demais características de acordo com sua identidade de gênero. A Resolução também garante o direito à visita íntima.

¹⁷ O Estado não pode aplicar sanções que atinjam a dignidade da pessoa humana ou a integridade física ou mental do preso.

¹⁸ Não há crime sem lei anterior que o defina.

¹⁹ Criado pelo decreto nº 3.952/01, pelo Ministério da Justiça.

²⁰ Nome pelo qual pessoas preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado.

Em 2014, foi publicada em São Paulo, a Resolução SAP-11, de 30/01/2014, que dispõe sobre a atenção às travestis e transexuais no âmbito do sistema penitenciário. O documento é inovador por integrar um conjunto de princípios e medidas objetivando atender a este público. Tais medidas viabilizam o entendimento para que essas pessoas sejam encaminhados para estabelecimentos prisionais compatíveis com sua orientação sexual.

Em Campina Grande, foram identificados duas detentas no Presídio do Serrotão, que participaram de forma voluntária, no levantamento dos dados para desenvolvimento da presente pesquisa. Tratam-se de dois sujeitos que se identificam com a transexualidade, e que estão em cárcere no presídio masculino. Serão abordadas a possível aplicação, omissão, da lei correspondente ou se a expressão da vontade dos entrevistados.

CAPÍTULO III

2 AS SETE VIDAS DE SABRINA

Paulo Otero, apud. Hogemann (p.88), alude que “o Homem e a sua dignidade são a razão de ser da sociedade, do Estado e do Direito”. O conceito de ‘dignidade’ é aceito como fluido pela doutrina moderna, mas por aproximação pode ser entendido como prerrogativa do homem de ter seu corpo, saúde e vida, invioláveis, e de ser respeitado enquanto ser humano.

Em se tratando de indivíduos que cumprem pena restritiva de liberdade, embora nessa tentativa de aproximação de um conceito, há quem afirme que “não há dignidade sem liberdade” (CASTILHO, 2008, p. 261), não existe como separar garantia tão fundamental da existência do ser, ainda que ele não esteja literalmente livre.

A CF/88 em seu artigo 5º, XLIX, dispõe: “É assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral”. Isso significa dizer que não é por estar restrito de alguns direitos, que se deve perdê-los em sua totalidade. O fato de estar encarcerado, não autoriza o tratamento depravado ou violento, nem ordens que o submetam a situações constrangedoras. A pena, não deve ter caráter meramente punitivo, deve ir além, é preciso ser educativa e ressocializadora, como visto anteriormente.

Destarte analisar-se-á aspectos elencados acima, e outros, advindos da coleta de dados obtidos através dos depoimentos das transexuais detentas encarceradas no presídio masculino de segurança média, Raymundo Asfora, situado na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba.

3.1. QUESTÕES ÉTICAS

Foi tomado conhecimento, no mês de Setembro do corrente ano, de que havia duas transexuais na Penitenciária Raymundo Asfora (Serrotão), o que ocasionou uma mudança de rumo na presente pesquisa, que a princípio seria de

caráter documental/bibliográfico, sendo redimensionando para uma pesquisa de campo em que se tornou necessária uma atividade empírica onde se pudesse ter uma propriedade dos dados e dos fatos o mais verossímil possível.

Foi então requerido, junto à Instituição de Ensino Reinaldo Ramos, um Ofício ao Diretor do Presídio (documento em anexo I), solicitando autorização para realização da entrevista com os dois apenados.

Em oportunidade, na data de 24 de Outubro de 2018, indo ao presídio, foi o Diretor Adjunto quem autorizou a realização da pesquisa, requerendo, no entanto, a apresentação da autorização judicial do Juiz Titular da Vara de Execuções Penais (VEP), da Comarca de Campina Grande-PB. Ainda no mesmo dia, foram chamados os apenados à sala da direção para que fossem explicados os objetivos do projeto, e assim elas pudessem demonstrar interesse em conceder ou não a entrevista pleiteada, da qual prontamente responderam positivamente.

Em ato contínuo, foi requerido à Instituição de Ensino um Ofício, solicitando ao Ilustríssimo Juiz a autorização, o qual foi encaminhado pela entrevistadora à VEP, junto com pré-projeto de pesquisa (anexo II). Quando ao retorno em data marcada, foi informado pela assessoria do magistrado, que eram necessários maiores esclarecimentos acerca da entrevista.

Posteriormente, foi elaborado um plano de diretrizes de entrevista, e anexos a este, Apresentação, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e Autorização de Participação (documentos anexos III, IV, V, VI e VII respectivamente), os quais foram novamente encaminhados à Vara, sendo assim concedida a requerida autorização em data de 14 de Novembro de 2018 (anexo VIII).

Em paralelo a estes procedimentos, foi requerido junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Reinaldo Ramos, um Parecer para pesquisa envolvendo seres humanos, o qual foi concedido em data de 09 de Novembro de 2018 (anexo IX).

Embora no instrumento de TCLE as entrevistadas tenham concedido o uso dos nomes sociais na transcrição da entrevista, todos os nomes usados serão fictícios para fins de proteção.

3.2 DA ENTREVISTA

Realizada no dia 15 de Novembro de 2018, a entrevista teve duração de 1h25m, a qual foi gravada e transcrita na íntegra (anexo X).

Contou com a participação de X, 22 anos, que pediu para que fosse tratada pelo nome social: Sabrina; e de Y, 27 anos, que pediu para que fosse tratada por Soraya (pseudônimos). Ambas, transexuais, presas no presídio masculino, por terem em seus documentos pessoais o nome de nascimento.

A entrevista foi semiestruturada (apêndice A), e teve um caráter dialógico sem manter um caráter rígido de perguntas e respostas à qual não foi imposta uma ordem rígida de perguntas e respostas, mas um diálogo baseado nas experiências de vivência das pessoas as quais foram entrevistadas.

Originalmente, a entrevista seria feita em dois momentos distintos, onde cada uma seria entrevistada de forma pessoal e separada, mas no decorrer da entrevista, Sabrina pede para que entre Soraya, que assim se sentiria mais à vontade, e uma poderia dar dados que complementasse o pensamento da outra, o que não inibiu a resposta da outra. Outros assuntos que ainda seriam abordados, não puderam ser feitos, pois houve interrupção por parte um agente penitenciário, informando que as detentas deveriam ir para contagem diária dos presos e posterior recolhimento, pois naquele dia seria mais cedo, por se tratar de feriado.

3.2.1 A vida em família

Foi identificado que ambas residiam próximas, em bairro periférico da Cidade de Campina Grande – PB, com suas respectivas famílias, estas, que se apresentam por mãe e irmãos, não havendo presente a figura paterna. As mães as visitam com frequência esporádica.

Ao serem questionadas sobre a aceitação das famílias com a identidade de gênero, ambas relataram dificuldades por parte dos parentes:

Sabrina: “Foi há muito tempo... Eu tinha acho que uns 10 anos, 11 anos [...] Foi chato pra ela, porque eu não me assumi como gay. Eu disse “Mainha eu quero ser mulher” [...] Ela deu em mim. Depois foi aceitando [...] uma vez ela comprou uma calcinha pra mim. Eu comecei a chorar. Era uma calcinha meio masculina, que parece um short, mas fiquei tão feliz”.

Soraya: “[...] Eu tinha uns doze anos [...] Foi muito ruim... Eu comecei a tomar hormônio escondido, começou nasceu meu peitinho né? E eu dizendo “ah é porque eu to engordando”. Meu irmão é desses que não gosta, de travesti, gay [...] ai teve uma vez que eu me montei, me aprontei pra ir pra Rua João Pessoa²¹ com as outras, ele deu em mim, me ameaçou de me botar pra fora, aí minha mãe disse “Não, vai botar pra fora não. Se ele é assim, vai ser assim e continuar assim aqui dentro” [...] hoje em dia ele me trata como mulher, compra roupa feminina pra mim, mas no começo foi bem ruim”.

Percebe-se que ambas reconhecem sua identidade de gênero enquanto infantes, algo que pode soar como precoce. A agressão por partes de membros da família foi também comum às duas.

3.2.2 A vida social

As duas apenas mostraram ter muito em comum, ainda que com algumas particularidades. Ambas têm amigos de maioria LGBTI+, inclusive, se conheciam desde “os tempos da Rua João Pessoa”, antes de terem o seu processo transitado em julgado.

Soraya não teve relacionamentos estáveis na vida em liberdade, mas na prisão encontrou um parceiro, com quem divide cela, e tem tido problemas afetivos relativos a ciúmes por parte dele para com outros detentos.

Para ela, as amizades teriam sido, fator determinante à vida da prostituição:

Soraya: “Eu fui por causa de uma bicha, ela dizia “Vamo ali mais eu” ai me levou, chegou lá e eu vi dinheiro fácil”.

²¹ Rua do centro da cidade de Campina Grande, comumente conhecida como ponto de prostituição.

Sabrina chegou a viver em união estável com seu primeiro e único namorado sério, quando estava na rua, mas separou-se, chegando ele a casar-se com “uma mulher normal” como ela se refere a mulher cisgênero. Dentro da cadeia, reencontrou seu ex-companheiro. Eles não têm uma relação estável, e vivem separados, se encontrando apenas em horas de convívio.

Em determinado momento, quando questionada se a condição de ser quem ela é, enquanto mulher transexual, poderia ser tomado como fator influenciador para a entrada na vida do crime ou da prostituição, ela afirma que sim, pontuando que “A homossexualidade leva você a se prostituir, porque você quer encontrar saída e não tem... E ali [na rua João Pessoa] tem um dinheiro fácil e conhece gente, e se relaciona sem nenhum preconceito”.

3.2.3 A vida das drogas

Sabrina relata em vários momentos da entrevista, sua dependência em crack²². Para ela, esse foi o maior influenciador da prostituição e da vida do crime. No depoimento, o trabalho como cabeleireira e *designer* de sobrancelhas em um pequeno salão próprio, não conseguia mais sustentar o vício, ela então viu tudo se esvaír ao se desfazer dos objetos para conseguir comprar mais da droga.

Embora não gostasse da ideia, decidiu assaltar e se prostituir na Rua João Pessoa, para conseguir dinheiro. Segundo ela, as drogas são o que mais levam as pessoas trans à vida do crime.

Sabrina: “Assim, em 2014, eu entrei nas drogas. Crack. Realmente pessoas trans são presas mais por causa de droga. Entrei nesse vício e tive que sustentar de algum jeito [...] na minha cabeça era “Não, quem faz programa é gay”, nunca quis me expor nesse lado... “Vou me juntar com um menino e vou começar a assaltar pra não ta fazendo programa” ai comecei a assaltar, e fui presa. 157 [...]. Eu sou cabeleireira, sou *designer* de sobrancelha, mas é... O vício não deixava... A gente sempre quer mais... Olhe eu tinha um salãozinho, não era sofisticado, mas era... Eu vendi tudo, e ainda não dava... Ai eu pensei “Sabe de uma coisa? Eu vou sair de casa, vou me jogar mesmo” fui morar na rua, saí de casa”.

²² Droga ilícita. Cocaína solidificada em cristais.

Ela diz ainda, que largou o vício, e embora tenha havido inúmeras outras tentativas, dessa vez é definitivo, já que não precisou ser presa para largar a droga “deixei na rua”, ela diz.

Soraya relata que além do envolvimento com drogas ilícitas, era alcoólatra. Conta que embora haja certas facilidades para conseguir bebida na cadeia, não pretende mais ceder ao vício.

3.2.4 A vida da violência

Durante a entrevista é perguntado momentos distintos a respeito de violências e agressões, e as respostas foram inusitadas.

Sabrina relata sobre uma violência sexual sofrida ainda em sua juventude, que representa um trauma do passado, da qual poucas pessoas têm conhecimento:

Sabrina: “Quando eu tinha uns 9, 10 anos, antes de eu começar a tomar hormônio... Tem o Amigão²³ [...] eu ia pra lá andar, aí eu conheci um coroa [...] me chamou pra ir para um rio, quando chegou nesse rio, começou a falar, num sei o que, aí me virou... Mulher, que dor! Eu acho que fiquei com isso na minha cabeça. Minha mãe não sabe”.

Ademais, conta que sofreu outras agressões em decorrência da prostituição:

Sabrina: “Aí eu tava lá [na Rua João Pessoa], veio uma bicha com um estilete “Toma Sabrina, guarda aí!”, aí eu fiz “me dá mulher!”, quando dei fé, voltaram três motos, e em cada uma tinha duas pessoas, no caso eram seis. Ela não estava, tinha saído pra atender um cliente, e eu fiquei lá, e ai começaram... É babado essa vida”.

No entanto, não relatou situações que ela identificasse como sendo diretamente transfóbicas.

Soraya dá poucos detalhes acerca de agressões e violências:

Soraya: “Acolá passava... Uma vez passou uns machos cada um com um facão na mão, correu atrás da gente, atrás de Carla²⁴ [...] pra roubar a gente... Eles são ruins, teve um que me deu uma pedrada na cabeça, saiu do programa já... Me deixaram lá em Lagoa Seca”.

²³ Estádio Governador Ernani Sátyro, usualmente conhecido como ‘O Amigão’, é um estádio multiuso em Campina Grande.

²⁴ Colega de ponto na Rua João Pessoa.

No tocante à violência institucional, por parte de agentes públicos, alguns relatos estaremcedores.

Soraya: “Quando chegou eu e Mia²⁵, entortaram a unha da gente, que a unha era grande. Entortaram assim pra trás. Disse coisa assim de “Vou raspar a cabeça de vocês, virar homem”.

Sabrina: “Eu apanhei também. Muito [...]”

Soraya: “Puxaram unha, puxaram cabelo [...] Assim, na marra. Depois foi que tirou a gente, acho que já ficou com medo de alguma coisa e tirou a gente, fez a gente assinar. Assim “Bora, assina isso aqui!”. Eu pensava que era transferência, alguma coisa assim. Aí eu assinei. Aí com muito tempo depois, depois uns seis meses, eu acho, foi os Direitos Humanos lá”.

Soraya conta que descreveu a agressão sofrida para a pessoa que se apresentou como sendo “dos Direitos Humanos”, mas não tem conhecimento de medidas cabíveis que tenham sido tomadas, por ter sido transferida pouco tempo depois.

Estes relatos não dizem respeito ao ambiente atual de vivência das detentas, mas em situação de prisão passada.

3.2.5 A vida do crime

As duas entrevistadas foram presas com base no artigo 157 do Código Penal Brasileiro, ao que seja, roubo. Sabrina não dá muitos detalhes, afirmando apenas que se tratava de assalto, e que o fazia pelo vício nas drogas. Soraya, no entanto, conta detalhadamente:

Soraya: “Fui eu e mais duas bichas... Uma de menor saiu, e a outra ficou. Mia. Ta na Máxima²⁶. A gente saiu no programa, e elas começaram a dizer “vamos ‘velar’ que é roubar né? “Vamos velar esse macho” e eu dizia “bicha isso não vai dar certo” [...] Quando pensa que não, Mia dá uma gravata, a outra puxa a faca pro coroa, e eu começo a pegar os troço, aí pronto... Eu disse assim “Vamo simhora, correr” mas só que Mia caçando cigarro e isqueiro [...] Nesse dia eu corri tanto [...] E pega, mas não pega, e eu corri, aí teve um que me pegou pelo colarinho, ai disse “Venha cá!” e eu “Me solte!” aí sentei logo a mão na cara, ele me deu um murro, a sorte da gente, que a gente ia ser linchada, é que ia passando uma viatura da polícia. Fui eu mesma que chamei a polícia”.

²⁵ Também colega de ponto, presa na mesma situação que a entrevistada.

²⁶ Outra parte do Complexo Penitenciário do Serrotão. Refere-se à segurança ‘máxima’.

Soraya foi condenada a sete anos e nove meses de reclusão, já tendo cumprido um ano e nove meses, e agora está pleiteando a progressão de regime de cumprimento de pena para o semiaberto. Sabrina foi condenada a oito anos e cinco meses de reclusão, com dois anos cumpridos, já tendo estado em regime semiaberto, porém, por transgressão grave (uso de drogas na unidade de recolhimento), o regime regrediu novamente para o fechado.

3.2.6 A vida na cadeia

Apesar dos relatos de certos abusos de agentes públicos, que ocorreram antes da chegada delas ao Presídio do Serrotão, as informações acerca de suas vivências no ambiente prisional na maioria são positivas.

Através da fala das entrevistadas, foi identificado bom relacionamento com os demais presos, e uma relação de respeito com os agentes carcerários. Embora ainda haja certos comportamentos provocativos:

Sabrina: “Ah, direto, mas fazer o que? [...] E aí tem horas que você quer correr doida, e tem outras que você quer se isolar. Que nem eu agora. Prefiro ta quieta, na minha”.

Soraya: “Direto, mas a gente tem que baixar a cabeça e aguentar”.

Foi identificada a existência de um pavilhão exclusivo para pessoas LGBTQ+, onde apenas Sabrina vive nele, os demais sendo presos que necessitam de maior isolamento, como ex-policiais que durante a ativa realizaram muitas prisões, por exemplo. Ela explica que se trata de várias celas com porta e chave própria, onde em uma, ela dorme sozinha.

Soraya diz que escolheu não viver lá, pois prefere o convívio com outras pessoas, além de no pavilhão comum onde vive, ter acesso a regalias como televisão e ventilador, além de lá ser onde vive seu atual companheiro.

Segundo o depoimento, ela conta que quando chegou ao Serrotão, foi chamada pelo Diretor que perguntou onde ela queria “morar”, se no local reservado para pessoas LGBTQ+. Diz ainda, que já mudou algumas vezes de moradia, já chegando a viver inclusive na enfermaria. Sabrina encara esse fato das várias mudanças como mau comportamento, pois segundo ela, “na cadeia não pode mudar tanto assim, pois não é bem visto”.

Conforme as duas relatam, os demais presos respeitam a identidade de ambas, e as tratam como mulheres, favorecendo-as com certos “presentes” à espera de retribuições sexuais, as quais elas não são forçadas a dar.

Sabrina: “Você querendo ou não, vai se relacionar com alguém, mesmo não tendo o ato de sexo você se relaciona porque é muito homem. Não tem como... Dependendo do... De quem é esse homem... Porque, por exemplo, a gente tem ‘X’ quem manda geral aqui né, ai eu, como não sou besta, sempre tendo caminhar pra eles, lógico, se ele ver qualquer coisa ele mete o pau... Esse povo é tudo assim... Tudo louco, mas são totalmente de boa. Dizem “Não Sabrina, lavasse muita roupa?” realmente, lava, mas quando você quer um perfume... Ai meu deus posso nem ta falado nisso [sussurra], quando você quer alguma coisa [...] eles não vão dar de mão beijada, porque é adiantado deles, ai eu vou e digo “não, me dê que eu lavo”, “me dê que eu faço a faxina” tem que “meter a mola” como eles dizem, pra sobrevivência. Mas fora isso...”

De forma incisiva, contam que quem mais sofre represálias dos presos são os homossexuais não assumidos. Estes podem chegar a sofrer espancamentos e perseguições.

Sabrina: “Vou dizer a você, eles implicam muito com quem não é assumido, se chegar um gay não assumido eles tiram o couro... Bota pra usar calcinha, manda guardar as coisas, é... Tu sabe esses babados de drogas né? Agora quando chega uma bicha assumida é tratada como mulher. É uma rainha”.

Soraya: “Porque assim, eles gostam da gente porque a gente é assumida mesmo, ai esses que dizem que ficou com fulana, ficou com cicrana, e de madrugada ta com macho? Leva um cacete”.

Acerca da rotina diária, Sabrina conta que seu dia se resume à limpeza do setor administrativo, ou lavagem dos carros da instituição, tendo livre o resto do dia. Soraya aduz que sua rotina é basicamente comer nas horas estipuladas, dormir, e assistir televisão, embora em outras épocas tendo realizado serviços de limpeza e junto à enfermaria.

Questionadas acerca da possibilidade de mudança do presídio masculino para o feminino, de forma a fazer correspondência com sua identidade de gênero, ambas demonstram aversão à ideia.

Entrevistadora: “Eu pergunto se vocês conhecem essa Resolução [Número 1 do Conselho Nacional de Combate a Discriminação] porque depois que ela saiu, houve uma decisão com essa fundamentação onde uma presidiária trans foi transferida pro presídio feminino... Vocês já pensaram nisso?”

Sabrina: “Não”

Soraya: “Olha, chegou essa conversa aqui dizendo “Olha, todas travestis vão agora pro feminino”, eu num vou não”

Sabrina: “Eu também não”

Soraya: “Vou nada! Tem muita sapatão e elas atacam a gente. [risos] E depois que eu for solta, nunca mais quero voltar pra esse lugar, quanto mais pra lá, deus me livre”.

Foi questionado ainda se nos atuais moldes do cárcere, o Estado tem desempenhado um papel eficiente, porquanto a tutela enquanto mulheres transexuais, ao passo de que afirmam que ultimamente os direitos têm se voltado cada vez mais às pessoas LGBTQ+, o que tem representado uma grande melhoria nos moldes prisionais.

Sabrina: “Hm, eu vou dizer uma coisa a você. Tá tudo bem, o Estado tá... É como eu te disse, como a gente tá com muito direito, eles ficam com medo de estar soltando piadinha, ficam... Sabe? Aí, não, tá tudo bem”.

3.2.7 A vida após o cárcere

Ao tratar dos aspectos ressocializadores da prisão, Soraya diz que quem procura, consegue se regenerar, quem não, assim sairá. Usa como exemplo Sabrina, que saiu seis vezes da penitenciária, e voltou. Esta tem suas dúvidas, e acredita que é fácil falar de algo quando se está presa, mas considera difícil quando está em liberdade e tem todas as tentações à sua frente.

Para o futuro, Soraya é quem se demonstra mais otimista, afirmando que não gostaria de voltar jamais ao cárcere, e que pretende trabalhar e ajudar a mãe, embora tenha consciência da dificuldade de emprego para quem é mulher transexual e ex-presidiária. Já Sabrina, ao ser perguntada sobre as perspectivas para o futuro, responde com silêncio.

Através da entrevista, foi possível chegar a boas conclusões. A temática dos direitos para pessoas LGBTQ+ têm tido avanços sérios, ainda que recentes.

As pessoas entrevistadas apontaram contentamento com o desenvolvimento desses direitos. E de fato, políticas de respeito para com essa comunidade, combate

ao preconceito e o reconhecimento da identidade de gênero, estão cada vez mais em foco.

Foi possível identificar que o Estado, e conseqüentemente o judiciário, tem progredido, e tentado se adaptar às mutações sociais, questão essa, que é inerente à atuação do Direito.

Contudo, foram encontradas questões importantes que ainda precisam de atenção. O preconceito é um aspecto intrínseco à sociedade, e ainda necessita ser trabalhado no tocante à atuação dos agentes públicos, quais sejam os principais sujeitos atuantes e que representam o Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das questões de gênero ganhou novas perspectivas que fogem das discussões conhecidas, como a da subjugação do feminino para com o masculino. Essa dicotomia não se traduz mais como suficiente para abranger os indivíduos sociais. Outras pessoas lutam por reconhecimento e visibilidade, que tem aos poucos, tido resultados.

O presente projeto procurou permear-se em uma discussão referente ao que parece ser a personificação de minorias que são colocadas à margem da sociedade: mulher, transexual, que transgrediu a norma e por isso vive o cárcere. Assim como a forma do Direito, traduzido no judiciário e na prisão, lidar com esse ser humano.

Em meio às perspectivas do início do presente trabalho, se atende ao cenário da deficiência do sistema penitenciário, o esquecimento dos legisladores e as definições preconcebidas com olhares do preconceito, a análise apurada da entrevista traz pontos positivos. O sentimento experimentado pelos indivíduos que concederam suas experiências e conhecimentos parece ser o de segurança, acreditando que estão sendo mais vistos e adquirindo certo respeito.

O fato de o Estado facultar às pessoas que se identificam de forma diferente ao sexo de nascimento, a permanência em unidade prisional que seja correspondente a esta identidade, é um avanço significativo no que tange ao respeito das escolhas pessoais desses indivíduos.

No entanto, devem ser reconhecidos os aspectos que ainda precisam de melhorias.

O ambiente prisional é complexo, e envolve questões delicadas. Pequenas corrupções, facilidades que não são devidas, mandos e desmandos, são algumas realidades. Ademais, a hostilidade do lugar é sentida pelas pessoas entrevistadas através de provocações ou piadas, frutos da falta de preparo para o acolhimento destas.

Uma proposta realista pode ser a de preparar melhor os agentes para lidar de forma humanitária com pessoas diferentes, enriquecendo a proposta educativa e ressocializadora da pena, além de um trabalho com mais transparência e correspondência junto aos órgãos de proteção dos Direitos Humanos, que pode ser benéfico para melhores resultados junto aos presos.

APÊNCIDES**APÊNDICE A****PROJETO: A TUTELA CARCERÁRIA DO ESTADO SOB A PESSOA TRANS****ANA BEATRIZ CANDIDA LIMA DOS SANTOS****ORIENTADORA: ÂNGELA PAULA NUNES****DIRETRIZES PARA ENTREVISTA – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

O presente estudo pretende abordar a forma como o Estado tutela indivíduos que não se identificam com o sexo de nascimento, enquanto sujeitos à disposição da justiça na esfera prisional. Tem objetivo de analisar, descrever e apontar como se dá o encarceramento e o cumprimento da sentença destas pessoas sob a égide de Garantias Constitucionais e dos Direitos Humanos, além do âmbito das legislações mais recentes acerca do tema.

Trata-se de pesquisa exploratória, não tendo como fim propor hipóteses precisas e operacionáveis (GIL, 2008). Na oportunidade, para atingir os fins almejados, far-se-á uma coleta de dados baseados na técnica de “pesquisa-ação”, por quanto é demandado um estudo interpretativo (Chizzotti, 2008).

A entrevista é semi estruturada, pois não será imposta uma ordem rígida de perguntas, para que a entrevistadora proponha o tema aos entrevistados, que responderão a partir dos conhecimentos e experiências pessoais.

Identificação dos sujeitos: Detentos do Complexo Penitenciário Raymundo Asfora, na Cidade de Campina Grande, Paraíba.

Nome/Nome Social:

Idade:

Sexo:

- Como se identifica e por qual nome deseja ser chamado;
- Como se deu a aceitação de sua condição, pessoal, familiar e socialmente;
- Já presenciou ou sofreu violência física ou emocional, durante a vida em liberdade, em decorrência de condição de gênero?;
- Por qual tipo penal você está cumprindo pena?;
- Com base em suas experiências, a condição sexual pode ter sido um fator determinante para o desvio comportamental e posterior o cárcere?;
- Qual a relação com os demais detentos?;
- Quais os desafios encontrados na adaptação, enquanto pessoa transexual em convívio fechado, num ambiente de maioria expressiva masculina heterossexual?;
- Você fez/faz algum tratamento de saúde, ou hormonal, que precisaria de acompanhamento médico? Quais?;
- Existe alguma forma de segregação por parte dos detentos ou dos agentes públicos?;
- Você tem conhecimento da Resolução Conjunta 1 do Conselho Nacional de Combate à Discriminação?;
- Você gostaria de ser transferido para uma unidade prisional compatível com sua identidade de gênero?;
- Você já presenciou ou teve conhecimento de violência física ou emocional, no estabelecimento prisional, em decorrência de condição de gênero?;
- Você acredita que mediante os parâmetros atuais de reclusão e cumprimento de pena, é plenamente possível se alcançar a ressocialização?

ANEXOS

Anexo I – Ofício ao Diretor da Penitenciária Raymundo Asfora.

ce ei
Faculdade

Ofício nº. 012/2018 – FARR/CESREI

Campina Grande/PB, 23 de outubro de 2018

Ref: Autorização para entrevistas, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Ana Beatriz Cândida Lima dos Santos.

Ilustríssimo Senhor
DELMIRO NÓBREGA,
Diretor do Presídio Regional do Serroão Município de Campina Grande - PB

A Faculdade Reinaldo Ramos – FARR, vem encaminhar a aluna **ANA BEATRIZ CÂNDIDA LIMA DOS SANTOS**, matriculada no Curso de Direito dessa IES, sobre orientação da professora Ângela Paula Nunes, para realização das entrevistas com presidiários no Presídio Regional de Campina Grande- PB. O Trabalho de Conclusão de Curso tem como título: “**A TUTELA CARCERÁRIA DO ESTADO SOBRE A PESSOA TRANS**”, a se realizar entre outubro à dezembro de 2018.

Leandro Assis de Barros
Leandro Assis de Barros
Coordenador Acadêmico
Procurador Institucional

Escrito em 24/10/18
Leandro Assis de Barros
Leandro Assis de Barros
Diretor Adjunto
Mar. 21/18

Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos / CESREI
Faculdade Reinaldo Ramos / FARR
Av. Prof. Almeida Barreira, 242 - São José
CEP: 58400-326 - Campina Grande - PB | R3 3341.7997



Anexo II – Ofício ao Juiz da Vara de Execuções Penais



Ofício nº. 015/2018 – FARR/CESREI

Campina Grande/PB, 24 de outubro de 2018

Ref.: Autorização para entrevistas, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Ana Beatriz Cândida Lima dos Santos.

Exmo. Sr. Dr. **GUSTAVO PESSOA TAVARES DE LIMA**
Juiz Titular da Vara de Execuções Penais de Campina Grande- PB

Por meio deste, solicitamos autorização para realização de entrevistas, com detentos no Presídio Regional de Campina Grande- PB, a se realizar entre outubro à dezembro de 2018. O Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **ANA BEATRIZ CÂNDIDA LIMA DOS SANTOS**, matriculada no Curso de Direito da Faculdade Reinaldo Ramos - CESREI, sob orientação da professora **ÂNGELA PAULA NUNES**, tem como título: **“A TUTELA CARCERÁRIA DO ESTADO SOBRE A PESSOA TRANS”**.

Certos de vossa colaboração nesse sentido agradecemos antecipadamente e reiteramos votos de estima e apreço.


Lúcio Assis de Barros
Coordenador Acadêmico
Procurador Institucional

D.H.
07/10/2018




Anexo III – Apresentação

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR REINALDO RAMOS – CESREI

FACULDADE REINALDO RAMOS – FARR

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

PESQUISA: A TUTELA CARCERÁRIA DO ESTADO SOB A PESSOA

TRANS

Aluno: Ana Beatriz Candida Lima dos Santos

APRESENTAÇÃO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre como o Estado tutela indivíduos que não se identificam com o sexo de nascimento, enquanto sujeitos à disposição da justiça na esfera prisional. Gostaríamos, portanto, de contar com a sua colaboração, que será de extrema importância para nós. As informações solicitadas serão, em sua maioria, de cunho opinativo e não são para testar os seus conhecimentos. Caso consinta em participar, pedimos que preencha todos os dados de sua identificação, uma vez que poderemos eventualmente contatá-lo novamente para aprofundamento dos dados. O objetivo geral da pesquisa será de analisar, descrever e apontar como se dá o encarceramento e o cumprimento da sentença, sob a égide de Garantias Constitucionais e dos Direitos Humanos, além do âmbito das legislações mais recentes acerca do tema.

Em todas as fases da pesquisa e publicações decorrentes, os nomes das pessoas que colaborarem não serão divulgados, somente mediante autorização, que será utilizado o primeiro nome social. No entanto, solicitamos dados pessoais, tão somente para que, caso seja necessário, possamos nos comunicar.

Anexo IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A participação, nesta pesquisa, é livre e não implica em nenhuma forma de pagamento, de ambas as partes. Como se trata de uma pesquisa de opinião, não acarretará nenhum prejuízo ou risco para você e para a sua família. Caso você tenha dúvida ou sinta algum constrangimento, poderá, em qualquer fase da mesma, pedir esclarecimentos ou até mesmo desistir da sua participação sem nenhum prejuízo.

Nesse sentido, considere as asserções abaixo desse TCLE:

- I) Estou ciente do procedimento metodológico adotado nesta pesquisa e, em caso de dúvidas quanto à finalidade do mesmo, tenho todo o direito e autonomia de não autorizar o uso das informações fornecidas;
- II) Concordo que sejam os resultados divulgados em atividades científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados (exceto nome social);
- III) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa, através de publicações, apresentações dos integrantes da pesquisa para os seus participantes e para a comunidade científica;
 Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
 Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
- IV) Caso seja entrevistado (a), autorizo o uso de gravador na condição do áudio e a transcrição do conteúdo apenas para as finalidades e objetivos dessa pesquisa;
- V) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro.

Você receberá uma via assinada deste termo pelo pesquisador. Esta pesquisa foi apreciada no: CEP/ CESREI - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Rua: Almeida Barreto, 242, São José. Campina Grande- PB. Telefone: (83) 3341-7997.

Campina Grande, 15 / November / 2018

Ana Beatriz Candido

Aluno

Emily Dezema de Souza.

Nosso contato:

Nome: Ana Beatriz Candido Lima dos Santos

email: amecandido@hotmail.com

Anexo V – Autorização para Participação I

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO

Eu Kaio Katheus B. de Souza (Emily)
portador da cédula de identidade (RG) _____, telefone
83 9 86393704, abaixo assinado (a), concordo de livre e
espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo "A TUTELA
CARCERÁRIA DO ESTADO SOBRE A PESSOA TRANS".

Emily Bezerra de Souza

Campina Grande, 15 / Novembro / 2018

Anexo VI – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A participação, nesta pesquisa, é livre e não implica em nenhuma forma de pagamento, de ambas as partes. Como se trata de uma pesquisa de opinião, não acarretará nenhum prejuízo ou risco para você e para a sua família. Caso você tenha dúvida ou sinta algum constrangimento, poderá, em qualquer fase da mesma, pedir esclarecimentos ou até mesmo desistir da sua participação sem nenhum prejuízo.

Nesse sentido, considere as asserções abaixo desse TCLE:

- I) Estou ciente do procedimento metodológico adotado nesta pesquisa e, em caso de dúvidas quanto à finalidade do mesmo, tenho todo o direito e autonomia de não autorizar o uso das informações fornecidas;
- II) Concordo que sejam os resultados divulgados em atividades científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados (exceto nome social);
- III) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa, através de publicações, apresentações dos integrantes da pesquisa para os seus participantes e para a comunidade científica;
 Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
 Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
- IV) Caso seja entrevistado (a), autorizo o uso de gravador na condição do áudio e a transcrição do conteúdo apenas para as finalidades e objetivos dessa pesquisa;
- V) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro.

Você receberá uma via assinada deste termo pelo pesquisador. Esta pesquisa foi apreciada no: CEP/ CESREI - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Rua: Almeida Barreto, 242, São José. Campina Grande- PB. Telefone: (83) 3341-7997.

Campina Grande, 15 / November / 2018

Ana Beatriz Candido

Aluno

• Guadimilla

Nosso contato:

Nome: Ana Beatriz Candido Lima dos Santos

email: amacandido@hotmail.com

Anexo VII – Autorização para Participação II

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO

Eu Francisco de Assis M. dos Santos,
portador da cédula de identidade (RG) _____, telefone
_____, abaixo assinado (a), concordo de livre e
espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo "A TUTELA
CARCERÁRIA DO ESTADO SOBRE A PESSOA TRANS".

o Luciano

Campina Grande, 15 / Novembro / 2018

Anexo VIII – Autorização Judicial



PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DA PARAÍBA
COMARCA DE CAMPINA GRANDE
VARA DAS EXECUÇÕES PENAS
Fórum Afonso Campos - Rua Vice Prefeito Antônio Carvalho Sousa, s/nº, Liberdade
Fones: 0 xx - 83 - 3310-2431 - 3310-2483 - 3310-2505 (fax)

Ofício nº 3797/VEP/2018

Campina Grande/PB, 14 de novembro de 2018

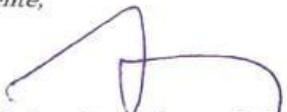
Illmº Sr.:
Diretor da PENITENCIÁRIA RAYMUNDO ASFORA (SERROTÃO)
Rua Alça Sudoeste, BR/230, S/N.
Campina Grande/PB

Senhor Diretor:

Autorizo Vossa Senhoria a receber a acadêmica do curso de DIREITO da CESREI – Faculdade Reinaldo Ramos/FARR, Srª. ANA BEATRIZ CÂNDIDA LIMA DOS SANTOS, CPF n.º 110.443.344-36, devidamente matriculada no citado curso e disciplina, para realização de pesquisa intitulada de: 'A TUTELA CARCERÁRIA DO ESTADO SOBRE A PESSOA TRANS', junto a esse Ergástulo Público.

Informo, ainda, que a citada pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão e Curso (TCC), sob a orientação da Prof.ª Ângela Paula Nunes.

Atenciosamente,


Gustavo Pessoa Tavares de Iyra
Juiz de Direito – Titular

R.H.

15.11.18 às 14:00


901.453-5

CHEFE DISCIPLINA

G.A.A.B

Anexo IX – Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR REINALDO RAMOS – CESREI
FACULDADE REINALDO RAMOS – FARR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: A TUTELA CARCERÁRIA DO ESTADO SOBRE A PESSOA TRANS.			
2. Área do Conhecimento: DIREITO PENAL / DIREITO CONSTITUCIONAL / DIREITOS HUMANOS			
SUJEITOS DA PESQUISA			
3. Número de sujeitos Na Cesrei: _____ Total: <u>2</u>		4. Grupos Especiais: () <18 anos () Portador de Deficiência Mental () Embrião / Feto (X) Relação de Dependência (Estudantes, Militares, Presidiários, etc.) () Outros () Não se aplica	
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: ANA BEATRIZ CANDIDA LIMA DOS SANTOS			
6. Identidade: <u>3.655.009</u>	7. CPF: <u>110.243.344-36</u>	8. Endereço (Rua, n.º): R. DOM PEDRO II, 1242, PRATA	
9. Nacionalidade:	10. Profissão:	11. CEP: <u>58.400.565</u>	12. Cidade: C. GRANDE
			13. U.F.: PB
14. Maior Titulação:		15. Fone: <u>(83) 99846.0880</u>	16. Email: ANACANDIDO@hotmail.com
17. Instituição a que pertence: CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR REINALDO RAMOS – CESREI / FACULDADE REINALDO RAMOS – FARR			
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima.			
Data: <u>06 / 11 / 2018</u>		Assinatura do aluno-pesquisador: <u>Ana Beatriz Candida Lima dos Santos</u> Assinatura do professor orientador: <u>Angela Paula Nunes Ferreira</u>	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
18. Nome: COMPLEXO PENITENCIÁRIO REINALDO RAMOS		19. Endereço (Rua, n.º): ALÇA SUDOESTE DA BR 230, S/N	
20. Unidade/Orgão:	21. CEP: <u>58.100.000</u>	22. Cidade: C. GRANDE	23. U.F.: PB
24. Email:	25. Fone: <u>(83) 3333.3330</u>	26. Fax.:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Nome: <u>RAFAEL CABRAL ROCHA</u>		Assinatura: <u>Rafael Rocha</u>	
Cargo: <u>AGENTE PENITENCIÁRIO</u>		Data: <u>06 / 11 / 18</u>	
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP			
27. Data de Entrada: <u>07 / 11 / 18</u>	28. Registro no CEP: <u>201821001</u>	29. Conclusão: Aprovado (X) Data: <u>09 / 11 / 18</u>	30. Não Aprovado () Data: _____
31. Relatório(s) do Pesquisador responsável previsto(s) para: Data: _____		32. Coordenador/Nome: <u>[Assinatura]</u> Assinatura	
33. Observações:			

Anexo X – Entrevista na Íntegra

Entrevistadora: Eu queria que tu dissesse teu nome, tua idade, e o sexo.

Sabrina: *Meu nome é X, tenho 22 anos, e meu sexo é...*

Entrevistadora: Como você se identifica...

Sabrina: *Feminino.*

Entrevistadora: Você quer ser chamada de...?

Sabrina: *Sabrina.*

Entrevistadora: Sabrina, antes de tu vir pra cá... quero saber como era tua vida... Como se assumiu, soube que era Sabrina e não Lucas, como contou pras pessoas e quando.

Sabrina: *Foi há muito tempo... Eu tinha acho que uns 10 anos, 11 anos... quando eu me assumi pra minha mãe foi meio que... Foi chato pra ela, porque eu não me assumi como gay. Eu num disse pra ela “Mainha, quero ser gay”, eu disse “Mainha eu quero ser mulher”. Mas eu também disse que nunca queria ser uma travesti. Travesti assim... Desses traveção, como se fosse assim, de chamar atenção, não, eu sempre fui mais... Feminina... Mais mulher. Eu disse “Mainha, não quero ser travesti, não quero ser viado, eu quero ser mulher.” Sem ser com extravagância assim...*

Entrevistadora: Sem se montar...

Sabrina: *É, isso não...*

Entrevistadora: Aí tu contou pro teu pai também? Ele era presente?

Sabrina: *Não... Eu tenho meu pai só que ele não é tão presente quanto minha mãe. Devia ter sido, mas...*

Entrevistadora: Aí ela fez o que quando tu dissesse?

Sabrina: *Deu em mim. [risos] “Você é viado!” Porque foi assim, primeiro ela começou a perceber, eu fazia a unha, pintava de francesinha, e escondia... Aí ela começou a perceber certo tipo de coisa, certas mensagens, no tempo de Orkut... aí eu disse sabe de uma coisa? Eu vou dizer. “Mãe, quero ser mulher”. Aí ela “Você é viado, num sei o que...” e dando em mim. Mainha tem uma cabeça aberta, só que acho que é o impacto né? O único filho... ela tem duas meninas, mas de homem só eu..*

Entrevistadora: Vocês são daqui de Campina mesmo? Moram onde?

Sabrina: *Sim, somos. Zé Pinheiro.*

Entrevistadora: Mas e aí, depois?

Sabrina: *Depois... Ela comprou meu mega... Foi aceitando olhe, uma vez ela comprou uma calcinha pra mim... Eu comecei a chorar... Era uma calcinha meio masculina, que parece um short, mas afe Maria, chorei... Fiquei tão feliz.*

Entrevistadora: Tu levava namorados em casa?

Sabrina: *Só levei um... Ele ta até aqui... Levei um e foi o único. Eu me casei mesmo sabe?*

Entrevistadora: Tu casou com o primeiro e único?

Sabrina: *foi...*

Entrevistadora: e ele aqui agora, vocês vivem casados aqui?

Sabrina: *Assim, vou dizer um negocio, eu conheço ele faz quatro anos, nisso ele foi preso, saiu e foi preso, e nisso eu também, não é a primeira vez que eu to aqui, já é a terceira, eu acho... Aí fica naquela coisa, ele casou, com uma mulher normal, mas ela não é daqui... Ela vem só deixar as coisas pra ele...Eeu relevei porque ele diz que eu abandonei ele... Mas não é, eu sou processada, não posso ta vindo aqui direto, e eu já vim uma vez na Máxima, mas eu não tenho como... Aí vivo nesse chove e não molha.*

Entrevistadora: entendi... ai aqui vocês têm uns flashbacks? Eu fiquei sabendo que tu gosta muito de namorar...

Sabrina: *Não! Olhe, Nêga Soraya tá aqui há mais tempo que eu, e ela não faz tanto reboliço quanto eu faço... Tudo aqui é Sabrina... Dá agonia ser famosa.*

[risos]

Entrevistadora: tu acha que isso acontece por quê?

Sabrina: *Eu não sei... Aparência conta muito, só que como Soraya é doida... Doida mesmo, aí como ela já é bem aberta... Eu não... Meu pensamento já é de mulher mesmo, mulher assim... Mais calada, quieta, mais respeitadora, aí eles fica nessa curiosidade.*

Entrevistadora: aí tu viesse pra cá por quê? O que aconteceu?

Sabrina: *Assim, em 2014, eu entrei nas drogas, crack, realmente pessoas trans são presas mais por causa de droga. Entrei nesse vício e tive que sustentar de algum jeito, como eu era tão feminina pra tá me expondo em Rua João Pessoa, porque na minha cabeça era “Não, quem faz programa é gay”, nunca quis me expor nesse lado... “Vou me juntar com um menino e vou começar a assaltar pra não ta fazendo programa” ai comecei a assaltar, e fui presa. 157.*

Entrevistadora: Aí assim, tu tinha 18 anos né?

Sabrina: *É... Acabado de fazer 18.*

Entrevistadora: tu num trabalhava nem nada?

Sabrina: *Trabalhava... Eu sou cabeleireira, sou designer de sobancelha, mas é... O vício não deixava... A gente sempre quer mais... Olhe eu tinha um salãozinho, não era sofisticado, mas era... Eu vendi tudo, e ainda não dava... Ai eu pensei “Sabe de uma coisa? Eu vou sair de casa, vou me jogar mesmo” fui morar na rua, saí de casa... Minha mãe sempre me acolheu, sempre... Mas eu trabalhava, só num dá não... Essa droga sempre quer mais. Quanto mais tem, mais quer.*

Entrevistadora: tu acha que ta recuperada?

Sabrina: Tô.

Entrevistadora: tu passou por tratamento?

Sabrina: *por vários... Mas eu vou ser bem franca com tu... [suspiro] o povo diz "Não, voltou porque é safadeza" porque assim, da primeira vez eu passei seis meses, mas saí da Máxima e voltei a usar... Mas não é safadeza, eu digo agora que eu me libertei, porque eu deixei na rua. Eu não precisei vir presa pra poder deixar. Porque tem casos aqui que "Não, ta presa, agora não quero mais..." eu tava explicando até pro meu ex, que "tu ta dizendo isso aqui agora, eu quero ver quando tu chegar la fora que tiver todas as tuas drogas disponíveis, na sua frente e você disser não". Aí eu tava albergada. Eu quebrei seis albergues... Seis... E não tomava vergonha, sempre voltava. Sei que teve um dia que não deu mais, porque assim, eu vou dizer um negócio a tu, não querendo me gabar... Mas quando eu era mais nova eu era linda... Antes de toda carga de química, de perder meus hormônios femininos, eu era linda.*

Entrevistadora: Tu tomava hormônio?

Sabrina: *Tomava, e tomo ainda, aqui, as doutoras me ajudam e eu consigo. Só que não vai me feminilizar como antes... Que raiva eu tenho, eu era linda.*

Entrevistadora: Porque tu tomava elas, aí quando foi presa parou?

Sabrina: *Para. Mas foi quando eu comecei a me drogar porque não liga com nada. Mas voltando, aí eu albergada, queria voltar a ser eu de novo, Sabrina linda, a Barbie de Campina, entende? E, tem que parar, aí parei. Agora vou dizer a tu, é muito difícil... Foram quatro anos da minha vida que eujoguei no lixo, é muito difícil... você só deixa se for presa, ou se tiver muita força de vontade, porque se não...*

Entrevistadora: aí dessa vez que tu ta aqui, já uns 3 meses, foi o que? Assalto também, ou o que?

Sabrina: *não. É o mesmo processo, graças a deus... eu sou danada, mas tão assim não. Só que olha como foi minha vida, a gente se recolhe no sábado e volta na segunda, quando foi no domingo eu fui inventar de fumar maconha lá dentro da unidade, aí fui pega no flagra, e na terça-feira era audiência pro meu aberto. Tais passada?*

Entrevistadora: to passada

Sabrina: *ah minha filha, eu fiquei louca, fiquei com raiva de mim mesma... Ai vim pra cá... Se não já estava no meu aberto, já tava tão longe de Campina que só deus sabe*

Entrevistadora: aí quando tu era bem mocinha, bem barbiezinha, tu já passou algum tipo de violência, discriminação, ou alguma coisa, antes de entrar aqui, na tua vida normal...?

Sabrina: *Já... E como... Teve duas violências que eu não esqueço, e é por isso que eu tenho raiva de 'nego', tenho pavor, ódio... Quando eu tinha uns 9, 10 anos, antes de eu começar a tomar hormônio... tem o Amigão... É... Foi violência sexual assim... Tem o Amigão que, eu ia pra lá andar, aí eu conheci um coroa, era um nego velho, já tinha cabelo branco... Ai como eu tenho nojo de nego... Eu me relaciono, converso, mas pra ter algum tipo de... Ui, deus me livre... Ele fez "vamo, vamo" me chamou pra ir prum rio, quando chegou nesse rio, começou a falar, num sei o que, aí me virou... Mulher, que dor! Eu acho que fiquei com isso na minha cabeça. Minha mãe não sabe, ela sabe que tenho muita raiva de nego, não sabe porque, mas... A outra, foi, uma vez eu tava na esquina da João Suassuna, eu era muito... Olhe pra você ter noção eu me vestia de mulher e tinha cabelo de homem, pra tu ver como eu era tão feminina, esses cabelinhos de Rihanna... pronto, logo o tempo era uma moda... Aí eu tava lá, veio uma bicha com um estilete "Toma Sabrina, guarda aí!", ai eu fiz "me dá mulher", quando dei fé voltaram três motos, e em cada uma tinha duas pessoas, no caso eram seis. Ela não estava, tinha saído, pra atender um cliente, e eu fiquei lá, e ai começaram... É babado essa vida.*

Entrevistadora: eles chegaram a te bater?

Sabrina: *Bateram... oxe, teve outro... Meu cabelo ainda ta nascendo... Sério... isso não no dia da moto, já foi outro... eu tava na esquina da rua João Pessoa, isso quando eu decidi depravar mesmo sabe? Chega dois meninos, eu pensava que era de menor, querendo sair comigo, eu fiz “não...” olha como fui besta, como dois guris vão dar duzentos reais? Acho que a droga... Porque a droga... Eu querendo dinheiro... Ai eu disse “não, vamo simhora, vocês num são de menor não né?” quando chegou la no estacionamento da João Suassuna que é abandonado, começou né, a ter a relação, mas de uma hora pra outra mulher... Era tão bonitinho o menino, mas de uma hora pra outra... Teve um que me deu uma rasteira, que era o mais bonito que tinha, que eu caí no chão... “me dê o dinheiro, me de o dinheiro!” e eu “que dinheiro?” eu drogada. Ali já não da muito dinheiro... Não, que dá, dá, não vou mentir pra você, mas eu drogada, aí, foi tanta da pedrada, ó, isso aqui ainda foi deles [marca no braço esquerdo], ai começou o sangueiro, foi... Meu cabelo ainda ta nascendo sabe devargazinho. Pronto foi as únicas, mas assim em relação a homofobia, não. E eu vou dizer um negócio a tu Bia, é, eu vim me relaciona com alguém dizendo que era trans, depois de velha... Muito depois que eu já tinha sido presa. Eu acho que tinha uma barreira não querendo que eu fosse trans mas eu já me aceitei agora, mas não queria que dissessem que eu era trans, era pra dizer que eu era mulher e sempre me relacionei com meninos dizendo que era mulher... Ela dizia “Sabrina... se eles souberem vão te matar...” e eu “sabe não mulher...” porque dava uma de virgem, que não podia fazer nada porque era virgem. E eu bem novinha sem peito sem nada faziam “cadê os peitos?” eu dizia “eu sou novinha”.*

[risos]

Entrevistadora: **nossa ai tu sofreu essa violência da marca porque foi se prostituir né? Eu to tentando entender a linha do tempo: assaltou, foi presa, aí saiu, foi se prostituir porque continuava no vício, ai sofreu essa agressão e continuou se prostituindo?**

Sabrina: *Sim. Pra manter o vício. Eu sai do meu vicio esse ano.*

Entrevistadora: **tu acha que esses quesitos de que tu foi assaltar, se prostituir, tudo isso, teve algum tipo de influencia por ser quem tu é? Se tu fosse X, se tu fosse quem tu nasceu, tu talvez não teria ido assaltar, ou não?**

Sabrina: *tem. Tem influencia. Apesar que eu vou dizer a tu, eu não sou rica mas minha mãe sempre trabalhou, pra me dar tudo que eu quisesse, e eu ter virado menina me deixou sendo a mais babada... Como eu te disse, ela me deu um mega de aniversário, mega não é barato, aí, é... Leva... A homossexualidade leva você a se prostituir, porque você quer encontrar saída e não tem... E como ali tem um dinheiro fácil e conhece gente, e se relaciona sem nenhum preconceito.*

Entrevistadora: tu tem muitos amigos?

Sabrina: *Tenho.*

Entrevistadora: trans?

Sabrina: *tenho... Não é me gabando... Num tem Rebeca? Ela é muito conhecida... Depois pergunta aos teus amigos, ela já morreu, teve um babado no Roger, uma... Virada...*

Entrevistadora: uma rebelião?

Sabrina: *isso, uma rebelião, ai ela morreu no Roger... Foi a única que é tão comentada como eu, não sei se é porque fui presa muito nova... E pode ser porque a gente sempre causa badalo dentro de cadeia, mas, eu já mudei até meu nome no face, porque não aguento mais...*

Entrevistadora: falar nisso, tu num pensa em mudar teu nome no registro não?

Sabrina: *penso, eu pensei, só que... Num pede antecedente criminal?*

Entrevistadora: pede? Ai não pode?

Sabrina: *num sei não...*

Entrevistadora: tu procurou saber? Foi atrás de alguém?

Sabrina: *não... Eu escutava por bocas né?*

Entrevistadora: porque assim, saiu uma decisão, no começo de 2018, que você só precisava ir no cartório.. Porque era bem difícil né?

Sabrina: *é, era.*

Entrevistadora: tu pensa ainda em mudar?

Sabrina: *Penso. E como! Vou mudar eu não mudei porque tinha que ir em João pessoa, num babado lá, de num sei o que, e eu era de menor ainda sabe? Ai...*

Entrevistadora: e aqui? Vamos falar daqui agora. Quando tu chegou, chamou atenção...e o pessoal? Os que tão presos, aceitam numa boa, ficam tirando onda não?

Sabrina: *aceitam. Ficam não. De jeito nenhum. Aqui, uma bicha, se ela souber se fazer, leva vida de rainha. Tem gente que fala “ah vai ser estuprada, num sei o que” Agora, assim, vou ser sincera pra você, eu não sei nem como é la em baixo, sei nem como é, sou louca pra ir.. louca...*

Entrevistadora: por quê?

Sabrina: *Porque eu queria conhecer... [risos] pra ver como é... Mas eu vou lá pra baixo, ai eu apaixono. Vou dizer a você, eles implicam muito com quem não é assumido, se chegar um gay não assumido eles tiram o couro... Bota pra usar calcinha, manda guardar as coisas, é... Tu sabe esses babados de drogas né? Agora quando chega uma bicha assumida é tratada como mulher. É uma rainha, agora o seguinte, se... Você querendo ou não, vai se relacionar com alguém, mesmo não tendo o ato de sexo você se relaciona porque é muito homem. Não tem como... Dependendo do... De quem é esse homem... Porque por exemplo a gente tem ‘X’ quem manda geral aqui né, ai eu, como não sou besta, sempre tendo caminhar pra eles, lógico, se ele ver qualquer coisa ele mete o pau... esse povo é tudo assim... Tudo louco, mas são totalmente de boa. Dizem “Não Sabrina, lavasse muita roupa?” realmente, lava, mas quando você quer um perfume.. ai meu deus posso nem ta falado nisso [sussurra], quando você quer alguma coisa, quando quer cheirar pó, eles não vão dar de mão beijada , porque é adianto deles, ai eu vou e digo “não, me dê que eu lavo”, “me dê que eu faço a faxina” tem que meter a mola como eles dizem, pra sobrevivência. Mas fora isso...*

Entrevistadora: tu nunca experimentou nenhum tipo de agressão, uma coisa mais bruta aqui dentro não? Por ser mulher trans... a galera aqui já soltou piada? Eles não são dessas não?

[barulho externo]

Sabrina: *isso é a nega Soraya? [risos] é ela... mas vamos pra cá*

Entrevistadora: aqui ninguém nunca te discriminou nem nada de mais?

Sabrina: *não. Não.*

Entrevistadora: nem os agentes?

[olha em dúvida pra janela]

Sabrina: *não, assim.. de sofrer, sofre. Só que não é tão... tão coisado quanto você ta na rua... porque eu acho que o medo deles... porque assim ultimamente... quando eu cheguei aqui dessa vez eu falei pra nega soraya “nega soraya, o serrotão ta rosa” porque realmente, ta rosa. A primeira vez que eu fui presa, foi um reboliço, na Máxima, porque nunca tinha visto, pra tu ver, fui morar na enfermaria... Eu nem sou doente e fui morar na enfermaria. Pra tu ver. E agora os direitos tão muito voltados à gente, graças a deus, nisso, eles ficam com medo de falar alguma coisa, de encostar, graças a deus sabe?*

Entrevistadora: por falar nisso eu fiquei sabendo que vocês tinham um pavilhão, cela, só pra vocês e não quiseram ir, é isso mesmo?

Sabrina: *eu to nele! Deus me livre, eu quis, eu to nele... ela é louca, ela que não quis, ela ta no pavilhão dos trabalhador. Eu já fiquei lá, passei quatorze dias, mas eu vou dizer um negocio a tu Bia, você trocar...é um quarto só pra mim, é um hotel! De porta de chave, de tudo. Bem pintadinho, bem ajeitadinho.. só num é rosa, mas... [risos] do que você dividir um pedaço com mais de trinta homem, cinquenta homem, ela é louca né?*

Entrevistadora: ela gosta?

Sabrina: **eu sei o que é que ela gosta... é homem, é a paixão dela.**

[barulhos mais altos do lado de fora]

Sabrina: *num pode chamar ela não?*

Entrevistadora: pode, mas eu vou ter que explicar de novo e começar como comecei contigo.

Sabrina: *certo, certo, certo.*

[ela sai da sala e chama Soraya, que volta com uma cadeira]

Sabrina: *chega boi-tungão*

[risos]

[Pausa para explicação sobre o projeto e, a dinâmica das perguntas, assinatura de documentos: TCLE, Autorização]

Entrevistadora: eu quero que você me diga seu nome, idade, sexo e o nome quer ser chamada

Soraya: *Y, 27 anos, masculino...*

Entrevistadora: *tu ainda se trata pelo masculino?*

Soraya: *mas ainda ta masculino [no registro]*

Entrevistadora: e como você se reconhece?

Soraya: *feminino. É que na cadeia a gente fica muito machuda*

Entrevistadora: *ela [Sabrina] tava me dizendo que fica um pouco confuso aqui*

Soraya:é, aqui é um muído danado

Sabrina: *é que a gente anda com muito homem, a gente pega o andar, o sentar, a gente senta de perna aberta, é horrível.*

Soraya: *e eu que já fiquei em convívio? Onde é mais homem ainda*

Entrevistadora: é o que? Lá embaixo?

Soraya: *é... onde eu tava é pior que na Maxima... não é como ela que pediu pra tirar na enfermaria... eu pedi pra entrar mesmo*

Entrevistadora: e porque tu fizesse isso?

Soraya: *porque deu uma louca em mim, e eu pedi pra entrar mesmo*

Entrevistadora: isso foi quando?

Soraya: *foi o ano passado, quando eu entrei aqui*

Sabrina: *Louca... eu passei 14 dias, pedi pra morrer ali embaixo... é muito assédio... pronto, a gente não sofre agressão, esse tipo de coisa, nenhuma risadinha, mas assédio é demais*

Soraya: *é demais*

Sabrina: *mão na bunda, mão no peito, passa mão no cabelo*

Soraya: *e isso, tem as machudas embutidas que ficam com despeito pra gente né? Outro dia eu peguei uma briga com uma, meti a mão na cara*

Entrevistadora: tu brigasse aqui dentro?

Soraya: *eu briguei porque veio com muido pro meu lado, contar falso de mim, com ciúmes de outros macho né? Porque tem muito assim, gay embutido, aí se revolta quando chega uma travesti porque chama mais atenção...*

Sabrina: *e outra coisa, como eles ficam com medo de se revelar e os boy cair em cima matando... e quando a gente chega, já chega abalando, e eles tratam como se fosse uma rainha né? Ai ficam tudo revoltado, tudo com raiva.*

Entrevistadora: aí eles ficam tratando vocês bem assim, cortejando, pra vocês fazerem os favores sexuais?

Ambas: é

Sabrina: *ai quebra a cara que a gente come tudo que tiver, e não faz nada*

Entrevistadora: e fica por isso mesmo? Eles não fazem nada?

Soraya: *é... teve um que botou dois mil e quinhentos reais pra gente, ir pra uma cela pra botar eu e Sabrina*

[sussurro]

Entrevistadora: e tem como comprar cela aqui dentro?

Sabrina: *tem... não pode, mas tem*

Soraya: *La embaixo é o fim do mundo*

Entrevistadora: é porque eu não conheço aqui direito, mas da outra vez que eu vim, tive la em cima, onde tem as câmeras, nem os próprios agentes descem direto né?

Soraya: *descem não, e a gente reina*

Sabrina: *é... tem como comprar tudo ali dentro*

Entrevistadora: Soraya, eu queria saber como era antes... de tu entrar aqui, como era a via, que tu se descobriu e que contou pra todo mundo, tua família...

Soraya: *foi uó... foi muito ruim...porque assim, eu comecei a tomar hormônio escondido, começou nasceu meu peitinho né?, e eu dizendo "ah é porque eu to engordando". Meu irmão é desses que não gosta, de travesti, gay...*

Entrevistadora: ele é preconceituoso?

Soraya: *agora não, mas no começo foi... começou "Mãe... Matheus é viado!" e eu sempre dizendo que era mentira, ai teve uma vez que eu me montei, me aprontei pra ir pra rua João Pessoa com as outras, , deu em mim, me ameaçou de me botar pra fora, ai minha mãe disse "Não, vai botar pra fora não. Se ele é assim, vai ser*

assim e continuar assim aqui dentro” aí mudou... hoje em dia ele me trata como mulher, compra roupa feminina pra mim, mas no começo foi bem ruim...

Entrevistadora: isso tu tinha quantos anos?

Soraya: eu tinha uns doze anos já... foi cedo, me revelei cedo.

Entrevistadora: vocês são muito precoces... [risos] ai tu fosse pra rua João Pessoa?

Soraya: fui... Com 15 anos de idade eu já fazia programa na rua João Pessoa

Entrevistadora: tu num trabalhou não?

Soraya: nunca.

Entrevistadora: tu foi parar lá porque? Sabrina me deu os motivos dela...

Soraya: eu fui por causa de uma bicha, ela dizia “Vamo ali mais eu” ai me levou, chegou la e eu vi dinheiro fácil, aí depois rodei, e pronto... Ate hoje... Até hoje não que eu to aqui... Mas num vou não, mais pra lá não.

Entrevistadora: e quando tu tava na rua? Tu já sofreu algum tipo de agressão, alguma violência...

Soraya: já... Aqui acolá passava... uma vez passou uns machos cada um com um facão na mão, correu atrás da gente, atrás de Carla...

Entrevistadora: isso na Rua João Pessoa correram atrás de vocês com um facão?

Soraya: foi... pra roubar a gente... Eles são ruins, teve um que me deu uma pedrada na cabeça, saiu do programa já... Me deixaram La em Lagoa Seca...

Sabrina: isso já aconteceu comigo também, eles levam a gente, tem a relação, nem quer pagar, nem quer fazer nada e deixa lá e a gente que tem que se virar pra vim...

Soraya: é uma vida sofrida.

Entrevistadora: aí tu viesse pra cá por quê?

Soraya: *eu, fui eu e mais duas bichas... Uma de menor saiu, e a outra ficou, Mia. Ta na Máxima. A gente saiu no programa, e elas começaram a dizer “vamos ‘velar’” que é roubar né? “Vamos velar esse macho” e eu dizia “bicha isso não vai dar certo”... que foi ali perto do Tábua de Carne, tava assim de gente, de dia, 10 horas da manhã. Quando pensa que não, Mia dá uma gravata, a outra puxa a faca pro coroa, e eu começo a pegar os troço, aí pronto... eu disse assim “vamo simhora, correr” mas só que Mia caçando cigarro e isqueiro... E eu “bicha vamo embora” e ela “eu vou, mas eu quero livrar” aí eu corri né? Nesse dia eu corri tanto... E as meninas vindo atrás, e nisso ele veio bem devagarzinho, já passando o rádio, que era um taxista, ele passou o rádio, minha filha, nunca vi tanto taxi na minha vida! E tava assim de gente... E pega, mas não pega, e eu corri, aí teve um que me pegou pelo colarinho, ai disse “venha cá” e eu “me solte” aí sentei logo a mão na cara, ele me deu um murro, a sorte da gente, que a gente ia ser linchada, é que ia passando uma viatura da polícia. Fui eu mesma que chamei a polícia. “Socorro! Querem me matar!” aí parou, botaram algema na gente, e botaram as três na viatura... E desde esse dia to por aqui.*

Entrevistadora: Pegasse quanto tempo?

Soraya: *Sete anos e nove meses... Mia pegou sete anos e nove meses, e a outra saiu que era de menor.*

Entrevistadora: E tu pegou quanto?

Sabrina: *Oito. Oito e cinco.*

Soraya: *Tirasse quanto?*

Sabrina: *Dois.*

Entrevistadora: E tu? Tirasse quantos?

Soraya: *Um ano e nove.*

Entrevistadora: Já faz um tempinho né...

Soraya: *Faz...*

Entrevistadora: E... Aqui dentro? Eu sei que tu tem teus relacionamentos... Que é comprometida.

Soraya: *Era, já me separei. Porque assim, lá dentro é muito homem.*

Entrevistadora: Aí você não se segura com um só?

Soraya: *É... Aí chegou um bonitinho, aí eu comecei alisando, aí nisso no outro dia já saiu o boato que eu tava ficando com ele... Aí caiu na boca do outro.*

Sabrina: *O que ela tava namorando, é bicha também, só que é muito másculo... Muito bonito.*

Entrevistadora: Aí você se engraçou com o outro e ele te deixou.

Soraya: *Foi, mas só que eu não quero, eu queria ele. Mas ele não quer me ver mais.*

Entrevistadora: Aí aqui dentro, como é que tu se relaciona com a galera? Todo mundo de boa?

Soraya: *Todo mundo trata bem, dos dois lados. Tanto aqui em cima entre a gente, quanto lá pra baixo.*

Sabrina: *Assim, se tu já sofreu algum tipo de preconceito... Algum tipo de agressão...*

Soraya: Não.

Entrevistadora: Tanto pelos agentes, quanto pelo restante dos presos...

Soraya: *Não... Todo mundo trata bem. Lá em baixo tem sempre alguém que quer tirar onda, mas a gente reina e num baixa a cabeça não. Se abaixar a cabeça a gente apanha.*

Sabrina: *Porque assim, eles não fazem assim... Diretamente... É... Se eu sair daqui de onde eu to... Tava aqui conversando com você, com Soraya, se eu for pra ali e contar, ali já surge outra história. Ta entendendo? Aí lá, ja tem outras pessoas, que*

são as mariconas, as velhas, as piores que tem, elas ficavam dizendo “Eita, vai fazer cabaré! As duas aqui vai fazer cabaré!” Um monte de homem, com duas bicha, vai fazer o que?

Soraya: E eu queria tanto que ela tivesse lá em baixo... Duas seriam mais fortes. Eu to cansada já. Só tem eu lá embaixo. Tem outras, só que não são que nem a gente, mulheres.

Sabrina: Agora assim, eu to na área LGBT, ela aprontou muito aqui dentro.

Soraya: Eu não aprontei...

Sabrina: Bicha, tu pediu pra se mudar quatro vezes...

Entrevistadora: E isso é aprontar?

Soraya: Isso não é aprontar!

Sabrina: Ela ta numa cadeia... É doida!

Soraya: Não, assim, se eu chego num canto que eu não to me sentindo bem... Na cabeça dos outros é que eu to indo atrás de macho, mas não é isso...

Sabrina: Não. Bia. Olhe, é o seguinte, quando a gente chega aqui, especialmente a gente, eles perguntam onde a gente quer morar... onde a gente vai se sentir bem... Enfermaria? Ok, vai. Só que assim, o certo é só sair de lá quando for pra rua. Mas tem certos atritos, desencontros, certas pessoas, que se não der mesmo a gente tem que sair de lá.

Soraya: Tem que sair...

Sabrina: Mas olha o que ela fez... Tu tava onde? Na enfermaria, da enfermaria ela desceu pra onde eu moro, não quis ficar...

Soraya: A senhora tá cheia de coisa de muriçoca. Num tem um ventilador! Num tem uma televisão, num tem nada. Eu ia ficar ali? É um sossego, mas entenda meu lado

que eu tenho depressão! Se eu ficar num canto sozinha eu penso besteira. Eu penso loucura.

Sabrina: É não, é porque ela é viçosa. [risos] Soraya, eu to no meu sossego, eu durmo só, não divido quarto com ninguém, tu é louca!

Entrevistadora: Mas foi tu que escolheu o lugar que quer ficar.

Soraya: Foi.

Entrevistadora: E é um lugar reservado pra LGBT.

Soraya: Isso...

Sabrina: Eu já pedi pra ela vim. A gente se conhece desde a rua. Aprontamos muito na rua, eu e essa bicha.

Soraya: Aí assim, eu escolhi ficar lá. E eu to pra ir embora já. O advogado disse a mainha que daqui pro natal eu to em casa já. Deus ajude né?

Entrevistadora: Semi aberto?

Soraya: É... Não sei. Não sei se vou tirar albergue. Por isso que eu to por lá ainda... Se não...

[interrupção de alguém na janela, desejando boa tarde]

Entrevistadora: Quando vocês chegaram aqui, a maioria do pessoal, só homem, mas vocês se adaptaram numa boa. Eu to falando de primeiro contato.

Soraya: Foi tudo ótimo.

Sabrina: Eles gostam, é novidade. Parece que agita o plantão, anima. Tirando só as embutidas que ficam implicando com a gente.

Soraya: Porque tem muitas viu? E aqui as conversam rolam...

Sabrina: *É... Se tiver eu aqui conversando com dois homens, já já sai a conversa... Já to grávida.*

[risos]

Soraya: *E se rolar uma conversa ali, o Serrotão inteiro fica sabendo. E todo mundo pensa que é verdade. O ruim daqui só é isso.*

Entrevistadora: Quer dizer que a vida aqui é até tranquila...

Soraya: *O resto é ótimo! A gente é muito paparicada.*

Sabrina: *Vamos dar a César o que é de César, pelos presos né?*

Soraya: *então...*

Entrevistadora: E pelos agentes?

Soraya: *Não. Aí é só respeito.*

Sabrina: *Não, eu que tenho mais interatividade com eles, porque eu trabalho aqui na direção.*

Soraya: *Eu também, que eu trabalhei um tempo na enfermaria. Todo mundo me conhece.*

Sabrina: *Tem uns que fica... Assim, as vezes eu não gosto... Eles chamam pra fazer limpeza, ai acho que eles se constrangem de ficar só comigo La dentro, sai, abre a porta...*

Entrevistadora: E tratamento de saúde? Vocês disseram que tomam hormônios... vocês tomavam antes e aqui voltaram a tomar.

Soraya: *Falar nisso eu to com os nervos a flor da pele porque não to mais tomando.*

Entrevistadora: Porque não ta?

Soraya: *Porque to la embaixo, ai não tenho mais contato com as doutoras...*

Sabrina: *Saiu do luxo e foi pro lixo. Eu continuo tomando.*

Entrevistadora: aqui não é um direito? Garantia?

Sabrina: *Tem que ter receita. E na rua é vendido avulso, aqui tem que ter receita.*

Entrevistadora: Aí tem médico aqui direto, e eles...

Soraya: *Olha, tem o médico daqui, só que ele num faz receita pra gente não... Tem que vir a esposa dele, o maior muído.*

Entrevistadora: Aí como vocês conseguem os hormônios aqui?

Sabrina: *A gente pede as nossas amigas... As doutoras, enfermeiras, assistente social... Não, assistente não, ela não traz.*

Entrevistadora: Aí vocês pedem os remédios a elas...

Sabrina: *É, aí elas dão, dão batom, remédio...*

Soraya: *Apesar que esse remédio não faz aquele efeito... A gente toma por tomar, o que faz efeito mesmo é o injetável.*

Sabrina: *Esse aqui só faz mexer com o psicológico da gente.*

Soraya: *Eu to aqui feito doída já, porque eu to sem tomar.*

Entrevistadora: Agora, eu vou perguntar uma coisa mais técnica... Vocês sabiam que existe uma Resolução do Conselho Nacional de Combate a Discriminação?

Sabrina: *Não.*

Soraya: *Não. E já que tu falou nisso, e essa história desse presidente que ia matar a gente ein? Disse que ia acabar com a parada gay, com tudo.*

[risos]

Entrevistadora: Eu pergunto se vocês conhecem essa Resolução porque depois que ela saiu, houve uma decisão com essa fundamentação onde uma presidiária trans foi transferida pro presídio feminino... Vocês já pensaram nisso?

Sabrina: *Não.*

Soraya: *Olha, chegou essa conversa aqui dizendo “Olha, todas travestis vão agora pro feminino”, eu num vou não.*

Sabrina: *Eu também não.*

Entrevistadora: Não? Vocês não querem ir porque?

Soraya: *Vou nada! Tem muita sapatão e elas atacam a gente. [risos] E depois que eu for solta, nunca mais quero voltar pra esse lugar, quanto mais pra lá, deus me livre.*

Entrevistadora: Com relação ao resto da galera que tá aí, os gays embutidos como disseram, eles sofrem muito lá?

Sabrina: *Sofre se descobrirem que ele é gay.*

Soraya: *Porque assim, eles gostam da gente porque a gente é assumida mesmo, aí esses que dizem que ficou com fulana, ficou com cicrana, e de madrugada ta com macho? Leva um cacete.*

Sabrina: *Leva um pau. Um pau mesmo.*

Soraya: *São homens, vivem falando em mulher, aí vai ta com macho? Num pode.*

Sabrina: *Num sei se tu viu um baixinho que eu tava conversando quando tu chegou. Ele é embutido. Lá em baixo ele levou um pau tão grande, que tem uma cirurgia bem grande. Porque tava fazendo canção...*

Entrevistadora: O que é fazer canção?

[risos]

Soraya: *Cancão mulher... [gesticula simulando sexo oral]*

Entrevistadora: Ah...

Sabrina: *Pois é... Disseram que subiu de lá doida, corrida. Quase que matavam a bicha. Aí assim, o bom da gente, é que se a gente for pega quem apanha não é a gente, é o macho, porque a gente é assumida. Fazer o que se a gente ta perto de homem? A gente gosta de homem.*

[risos]

Entrevistadora: Agora isso tudo violência física... Agora violência emocional? Piadinha, etc., porque a pessoa que me acompanhou até aqui disse “Vou chamar ele... ela... Sei lá o que é aquilo.”

Sabrina: *Ah, direto, mas fazer o que?*

Soraya: *Direto, mas a gente tem que baixar a cabeça e aguentar.*

Sabrina: *E aí tem horas que você quer correr doida, e tem outras que você quer se isolar. Que nem eu agora. Prefiro ta quieta, na minha.*

Entrevistadora: E tu não quer se isolar?

Soraya: *Eu me isolo. Lá eu tranco a porta,ninguém entra pra me perturbar. Ninguém me vê. Porque lá tem a cela, tem a galeria onde o resto do pessoal fica. Aí lá eu me isolo. As vezes choro... E aqui não é lugar pra gente que é assim. Por isso que pra cá eu não volto mais não.*

Sabrina: *Mas eu tava dizendo a ela ainda agora, meu caso é o mesmo que o teu, questão de droga...*

Entrevistadora: Também se viciou Soraya?

Soraya: *Foi...*

Sabrina: *Aí eu digo que ela diz isso aqui agora, quando você sair...*

Soraya: *Ai meu deus...*

Sabrina: *Soraya, vá por mim, eu já saí seis vezes...*

Soraya: *Mas a senhora já saía daqui dizendo. Quantas vezes num disse na enfermaria “Ah eu to doida de sair daqui pra roubar”? Deus me livre! Eu vou é trabalhar. Vou arrumar uma pessoa pra mim. Eu to ficando velha já, a senhora ta novinha ainda. Enquanto ta aí, ta ok, bota uma maquiagem fica linda, mas depois que fica velha quem danado vai querer você? Minha mãe também ta velhinha tadinha, precisa de mim. Se tu visse quando ela chega aqui... Ela tem distúrbio mental, tem hora que perde a mente. Vai pro Doutor Maia. Essas coisas, ela precisa de mim.*

Entrevistadora: Vocês pensam em quando sair daqui, alguma coisa que querem fazer, de trabalhar, ou assim?

Soraya: *Primeiro que eles sabem que a gente é assim, e ex presidiário ai é que da a mulesta mesmo pra arrumar emprego. Mas doutora Fátima disse que quando eu saísse fosse lá na casa da filha dela, que ela arrumava serviço pra mim. Aí vou querer vida de... De... Não, vou trabalhar. O que for aparecendo eu vou fazendo.*

Entrevistadora: E tu Sabrina?

[silêncio]

Soraya: *Ta vendo, nem isso ela sabe. Sai assim na louca.*

Sabrina: *Soraya entenda uma coisa, uma coisa é você dizer quando esta preso que vai virar uma rainha. Outra é você sair.*

Soraya: *É porque aqui é como se fosse outro canto. Não me sinto presa. Me sinto longe de casa, que eu to morando num lugar fora. Mas não me sinto presa.*

Sabrina: *Pois deixa a cadeia pesar... Mas voltando, aqui você ta inibida, de tudo, de como a gente foi por causa da droga, aqui você não vê muita droga pesada...*

Soraya: *Tem...*

Sabrina: De ter, tem, mas pesada, não.

Soraya: *Aqui nem cachaça eu quero.*

Entrevistadora: Aqui tem até bebida alcoólica?

Sabrina: Tem...

Soraya: Nem isso eu quero, e olha que eu era alcoólatra.

Sabrina: Ela comprava umas burrinha de cana, botava uma pelota dentro, ixi me lembro como hoje, e saia.

Soraya: *Agora eu tenho nojo quando chega perto de mim. E tem muitos viu? Porque muitos tem condição. Porque aqui é caro as coisas viu? Mas nem isso, porque tem um coroa aqui, que tudo que eu quiser ele me dá.*

Entrevistadora: Aqui vocês usam dinheiro mesmo ou é troca de favor?

Sabrina: *Não, é Derby*

Soraya: *Na cadeia é Derby*

Entrevistadora: É Derby?

Sabrina: *A moeda da cadeia é Derby.*

Entrevistadora: Porque tu não dissesse que comprava por 2500 não sei, é 2500 derby?

[risos]

Sabrina: *Não, não, isso, assim, aqui até 1 maço de cigarro, 2 maços mas quando vai chegando a esse valor assim é transferência, é depósito, sabe? É, o povo aqui é chique. Olhe, vou dizer um negócio a você, se souber, você sai daqui rico. Riquíssimo. Porque um espelho desses de pó da Avon, é 100, 200. Imagine só a pessoa vender um espelho por 100, 200... De pó, porque enquanto na Avon é 22, 10, né? É babado. Eu acho que se tivesse uma bicha que tivesse um...*

Soraya: *Fosse uma mafiosa, a gente não tem máfia, a gente é inocente nessas partes aí*

[risos]

Entrevistadora: Não é tão inocente assim não.

Soraya: *Quer dizer que tu é mafiosa? Que eu não sou não.*

Sabrina: *Quando eu cheguei, a senhora já tava.*

Soraya: *A mafiosa é ela, pensa que eu sou ela, né? Mas num é não, cada um tem um pensamento diferente, né?*

Sabrina: *Não, eu queria desenvolver meu lado masculino com essas coisas, porque um exemplo, eu já tentei vender um negócio... Aí pronto. Eu queria... Porque assim, eu, se eu for negociar alguma coisa 'é 3 Derby', "não, só dou 2", 'então tome, tome, leve'. Porque eu não sei tá tá tá, isso é coisa masculina, eu não sei nem pra onde vai. Mas eu queria, assim, saber esses babados. Eu seria milionário. Milionário, e eu morando aqui em cima... oxe! Mas é muito... uó. É errado administrativamente. É errado.*

Entrevistadora: Quem traz esses babado pra vocês é alguém da família, né? Pra vocês trocarem coisas...é a família que traz não?

Soraya: *Olhe, aqui é difícil botar essas coisas, perfume entra não*

Sabrina: *Não entra perfume, não entra batom, não entra nada, não entra esmalte, não entra nada!*

Entrevistadora: E como eles vão lhe dar uma vida de princesa, essas coisas?

Sabrina: *Eles acham no lixo. [risos] Porque não tem o presídio feminino? Ela não joga no lixo as coisas? Mas eu não uso calcinha, mas eu já usei uma vez. Eu escaldo e uso. Ai eles tiram do lixo e dá espelho a gente, da batom, mas o batom não uso também, feio.*

Soraya: *Que cor?*

Sabrina: *Ah, minha filha, eu tenho bem uns 10 ali dentro.*

Entrevistadora: Agora. O que vocês estão vivendo aqui agora, né, a reclusão, tudo mais, a gente sabe que vocês virem aqui pra cá serve pra punir, mas também serve pra ressocializar, ne? Vocês acham que do jeito que tá rolando aqui, vocês saem ressocializados?

Soraya: *Quem quer, sai. Quem não quer, não sai não. Como ela. 6 vezes. 6 vezes, ne? Eu mesmo quando sair daqui pra fora, vou fazer uma cruz pra esse lugar.*

Sabrina: *Depende. Não é quem quer.*

Soraya: *Deus ajude que eu saia na condicional, que é melhor ainda na condicional.*

Entrevistadora: Ai quem quer sai daqui ressocializado mesmo?

Soraya: *Quem quer, sai.*

Sabrina: *Eu acho que não. Na minha opinião é o seguinte, escute, você vai concordar comigo. Mia, a amiga dela, a amiga dessa bicha, ela disse que se revoltou porque a mãe abandonou ela.*

Soraya: *Tá revoltada.*

Sabrina: *Tá dando bote dentro de cadeia.*

Soraya: *Tem depressão.*

Sabrina: *Assim, isso... porque é muito babado pra explicar. E isso dentro da cadeia, dar bote, é pedir sua morte. É assinar sua sentença.*

Entrevistadora: *O que é dar bote?*

Sabrina: *Dar bote é ajudar os guarda a fazer pente fino. E como ela tá dentro da cadeia, como é que ela vai ajudar os policial a atrasar a cadeia? É assinar a sua sentença de morte*

Soraya: *Mas a consciência é dela, né?*

Sabrina: *Aí diz que ela se revoltou, aí eu acho o seguinte: ou você entra aqui e sai de boa, normal, ou você se revolta, porque é uma coisa leva a outra, sabe? E aqui o povo não tem o que fazer, é só espetar alguém, é... você não sabe ser alguém e se aumentar sem diminuir alguém. 'Não, vamo na cozinha mas tem que sair de lá'. Eu não sei porque eles são assim, esse povo, esse povo é pior que viado.*

Soraya: *É*

Sabrina: *Tem viado despeitado, viado choco. Homem é pior que viado, tô com nojo de homem.*

Soraya: *Eu to tomando abuso também.*

Sabrina: *Tô com nojo*

Entrevistadora: Ai quer dizer que a galera aqui não tem muito o que fazer, então cabeça vazia, oficina do diabo, né? Aí fica...

Sabrina: *E aqui, as polemicas é Sabrina e Soraya*

Soraya: *É, a polemica é a gente, parece que o foco só tá na gente*

Sabrina: *É uó. A pessoa quer fugir, essa bicha não, que essa bicha lá em baxio foge qualquer hora mas aqui não. Eu fico revoltada com isso. Aqui eu quero dar uma fugidinha. Eu sou vigiada 24 horas.*

Entrevistadora: E como é a rotina de vocês? Vocês tem hora pra acordar, hora pra comer, hora pra dormir?

Sabrina: *eu tenho*

Soraya: *aqui tem agora*

Entrevistadora: Aqui em cima tem, qual é a sua rotina?

Sabrina: *Eu trabalho na limpeza da direção. O pavilhão é aberto de 4:30, tá escuro ainda, eu vou sair pra que? Ai abre. Ai o café só é pago de 7 horas e eu tenho que fazer a limpeza antes de todo mundo chegar, antes, aqui os banheiros da administração, jurídico, sabe? Ai, pronto. Tem as horas que eles pagam no almoço. E tem a hora de se recolher que é de 4.*

Entrevistadora: Vocês passam o resto do dia sem fazer nada?:

Soraya: *Ela passa o dia assim.*

Sabrina: *Eu passo o dia assim. É, batendo perna, vou faço uma coisa ali, limpo uma sala ali, limpo um armário, aí lavo um carro.*

Entrevistadora: E a sua rotina, como ela é?

Soraya: *A minha, agora, né? De manhã eu me acordo*

Entrevistadora: Tem hora pra acordar? Hora pra levantar?

Soraya: *Tem não. A hora que eu quiser acordar... ai eu me levanto, escovo os dentes, tomo um banho, me deito de novo, me levanto, como, vou assisto um pouquinho, ai vou pra sala de um, pra sala de outro, entro, chega o almoço, como, deito, e assim vai o dia todinho. Comendo e dormindo.*

Entrevistadora: Não tem hora...

Sabrina: *Mas quando eu to lá, a gente se acorda, toma banho, escova os dentes, toma café e pega por aqui ó.*

Soraya: *Mas como não tem ela lá, aí eu fico no meu cantinho, né?*

Sabrina: *Só tem eu e ela pra andar, pra fazer umas loucuras*

Soraya: *Aí eu fico no meu canto, porque é como eu disse, eu não posso estar com ela em todo canto, ai eu tenho que...*

Entrevistadora: Aí assim, vocês tem visita de advogado, né? Os advogados de vocês vem aqui, não vem?

Soraya: *O que minha mãe contratou agora ate agora não veio não, porque o meu caso é tão simples. É como eu to no direito já de ir pra rua. Mas só que meu officio da 4ª vara, assim, minha guia, né? Minha guia tá na 4ª vara, ai por causa dessa guia o juiz não fez meu calculo de pena e vai me botar no semiaberto.*

Sabrina: *Por causa do calculo de pena, quando você já ta excedendo a sua cadeia, linda.*

Soraya: *Então, eu passei...*

Sabrina: *Como é que você vai pro semi aberto, se tua cadeia já foi paga?*

Soraya: *Mas é como o advogado falou, ele disse que foi la na 4 vara, pegou minha guia, fez a juntada dos documentos e levou pra Dr. Gustavo, entendeu? Ai isso que eu to esperando resposta, que agora ele não veio e hoje feriado... só pra semana agora.*

Sabrina: *E outra coisa que vou dizer a você, se não for agora, essa semana ou a outra, pode ter certeza que é só ano que vem, viu?*

Soraya: *Mas ele garantiu que no Natal eu tava em casa, só falta a minha guia da 4ª vara que o juiz...*

Sabrina: *Só falta ir da 4ª vara pra execução*

Soraya: *Só falta dar o despacho total do semiaberto*

Entrevistadora: E tu? Recebeu advogado já?

Sabrina: *Não porque minha família não tem condição não, sabe? Assim...*

Entrevistadora: Aí tem o defensor, né?

Sabrina: *Tem o defensor publico, é... vou dizer uma coisa a você, senhorita, elas são uma benção. Porque quem me tirou todas as vezes foi ela. Porque geralmente vão muito por cara. Ela, as enfermeiras, ela ajuda mais se for com a sua cara. Isso é com todo mundo. E como a gente é menina, elas ficam com pena.*

Soraya: *Agora eu não tive sorte que nem ela. Dizem vou olhar não sei o que. Ai pronto, esse ofício da 4ª vara, que foi o juiz já que pediu pra 4ª vara, que minha coisa é da 4ª vara, o juiz pediu lá e não respondeu. O juiz lá pediu duas vezes e não responderam, aí eu vim aqui e ficou com o povo daqui... ir lá, aí não foi. Aí foi o jeito minha família sem condição também, aí arrumou esse advogado agora pra ver se o negócio ia. Dinheiro emprestado, viu?*

Sabrina: *Essa bicha, imagine só, essa bicha teve um monte de... todo mundo aqui ajudou ela. Todo mundo. Ela que não quis ser ajudada por causa de macho. Porque é o seguinte, Soraya já... Soraya trabalhava na casa, querendo ou não, com pouco ou muito, altos e baixos, é o melhor coisa a se fazer é trabalhar na casa, gatinha, a senhora sabe muito bem disso. Trabalhou na GEPOL!*

Entrevistadora: O que é a GEPOL?

Soraya: *São os agentes especiais*

Sabrina: *Que tá dentro da cadeia. Você sendo amiga deles, você... sabe? Porque querendo ou não, aqui a gente tem que ser amiga deles. Aqui em cima, nessa parte de cima, lá em baixo não, é péssimo, é a mulesta.*

Entrevistadora: Ai esses guardas especiais vão pra lá pra que?

Soraya: *Bater a geral. Pente fino.*

Sabrina: *Aí ela trabalhou na limpeza lá...*

Soraya: *Trabalha com escudo, essas coisas.*

Sabrina: *Como se fosse rotam. Trabalhou na enfermaria, não podia ter ficado? Ter segurado mais, mas não...*

Soraya: *Foi como eu te falei, eu não tava me sentindo bem não...*

Sabrina: *Se apaixonou, mentira! Se apaixonou, o boy dela não pôde ficar na enfermaria, teve que descer, porque na enfermaria só fica doente e meninas. Desceu, ficou louca lá, ela disse "Sabrina, onde eu ia eu vejo ele, eu ia ao banheiro,*

eu via ele, eu ia não sei pra onde, eu via ele e começava a chorar, eu vim embora". Nisso, ela acabou se auto sujando porque cadeia não é pra tá passeando, cadeia não é pra tá 'não, vou morar aqui, ah não gostou, vou morar ali'. Não, não existe. Porque são mais de mil homens. São mais de mil, lógico que a gente quer uma moradia melhor. Lógico mas...

Soraya: Sabe o que certo fulano falou? Disse olhe, você já é pra tá no semi aberto, você não é pra tá aqui mais não. Se acontecer alguma coisa com você aqui dentro... a culpa é do juiz.

Sabrina: Não, a culpa é do Estado.

Soraya: Não, eu não posso fazer nada porque eu to vindo aqui pedir ajuda pra eles, e até agora não saiu.

Sabrina: A primeira vez que eu vim presa, sabe o que elas pediram? Elas disseram, mandaram um papel, um babado, dizendo que eu sofria risco de vida, que eu sofria... Não sei explicar não, que eu tava sofrendo, que eu sofria... Eu podia sofrer um abuso, um risco de vida, era pra me deixar totalmente separada.

Entrevistadora: Por isso que existe a cela ali pra vocês, especial, porque querendo ou não é um risco de vida, vocês são diferentes, a maioria é homem, a maioria é hétero...

Soraya: O único medo que faz lá em baixo, assim, é uma rebelião, um negócio.

Sabrina: E o culpado é o Estado

Soraya: Mas só que disse só por causa disso. Eu era pra tá no semiaberto. Eu to fazendo o que aqui ainda?

Entrevistadora: Aí tu falasse de rebelião, tu acha que tem algum risco disso acontecer agora próximo?

Soraya: Tem

Sabrina: Por causa do presidente

Entrevistadora: Por causa do presidente?

Soraya: *Vai tombar ele, vai tombar bem próximo.*

Sabrina: *Tipo assim, pra impor medo nele. Porque ele num já disse que ia tirar as visitas? Que a visita dos presos ia ser outros presos mesmo? Vou estar nem aqui dentro. Tem cada coisa ali. Imagina aquele homem que tu mora com ele? Sem visita?*

Entrevistadora: Por que tu mora com ele?

Soraya: *Porque é lá dentro, tipo um quartinho*

Sabrina: *É assim, é um quarto. Um quartão com um moi de quartinho. Uma vila*

Soraya: *É tipo uma vila*

Sabrina: *Bem divididozinho, é um luxo. Agora eu, mora dois policiais, tem um policial que é um luxo.*

[interrupção]

Entrevistadora: Sim, aí quer dizer que lá nesse local, não fica só quem é do meio LGBT, ficam as pessoas mais reclusas?

Sabrina: *É, mais da sociedade*

Entrevistadora: É de quem precisa de mais defesa, você diria assim? Que não pode tá com todo mundo. Porque policial, né, quando é preso...

Soraya: *É, não pode*

Sabrina: *Não pode, lógico... Aqueles que já prenderam muito... Não podem botar junto. Ou quem tem muito conhecimento. Ou quem tem muito dinheiro*

Soraya: *É*

Sabrina: *Geralmente assim, se você conhece um policial, sua vida muda toda na cadeia. Conhece um agente? Sua vida muda toda na cadeia, sabe? Porque quando a gente chega aqui como preso, é um preso, é um lixo. Mas se você conhecer alguém, fica mais... já da um arzinho.*

Soraya: *Nem tanto mas...*

Sabrina: *Ai eu moro com o chefe... eu só moro com chefes. Eu moro com o chefe da escola, o chefe da água, o chefe do almoxarifado...*

Soraya: *E o outro faz nada não*

Sabrina: *Faz nada não*

Soraya: *Fala da vida dos outros, é o leva e trás da vida. Né o coroa, policial que é aposentado?*

Sabrina: *Sim.*

Soraya: *Agora ali, eu morei lá passei três dias, mas pra morar la tem que ter condição, pra colocar um ventilador, uma televisão...*

Entrevistadora: Poder pode, vocês só não tem condição de colocar, ne?

Soraya: *É*

Sabrina: *Porque assim, de ter tem, mas com esse negocio de só ser televisão plana, só ser essas fininha de analógico, ai fica muito difícil*

Soraya: *Aí aqui não tem como, se fosse na rua... A vida de programa da dinheiro, viu? Da dinheiro...*

[interrupção]

Entrevistadora: Então, a minha pergunta mais importante, vocês aqui, a serviço, a disposição do Estado, vocês acham que ele esta fazendo um bom trabalho pra galera que é transexual, no sentido de resguardar vocês, de dar proteção, de dar dignidade a vocês, de vocês poderem ser tratadas como

Sabrina, como Soraya, então vocês acham que o Estado tá fazendo um bom trabalho? Pode ser totalmente sincera. Se tiver de ser não, pode dizer não, pode ser totalmente sincera. Pode ser uma de cada vez, silencio, uma responde e depois a outra responde. Vai

Soraya: Responde

Sabrina: Eu respondo? Vai, pergunta de novo.

Entrevistadora: Você acha que o Estado tá fazendo um bom trabalho quando ele tá guardando vocês, de tipo, punir vocês pelo crime, de ressocializar, de garantir que vocês enquanto mulheres transexuais tenham dignidade, de vocês serem respeitadas, de tudo isso?

Sabrina: Deixa eu responder fazendo outra pergunta. Tu acha que quem faz isso é o Estado ou o diretor da cadeia?

Soraya: Os agentes

Sabrina: O diretor

Entrevistadora: O diretor e os agentes são agentes públicos, então eles estão cumprindo ordens que vem de cima. Agora quando chega aqui, que eles fazem o que quiser porque não tem tanta gente vendo e tudo mais, ai é outra historia. Mas tanto é que vocês tem um lugar pra ficar assim mais resguardadinho porque já veio de lá, entendeu?

Sabrina: Hm, eu vou dizer uma coisa a você. Tá tudo bem, não, o Estado tá... é como eu te disse, como a gente tá com muito direito, eles ficam com medo de estar soltando piadinha, ficam... sabe? Aí, não, tá tudo bem. Agora tem diretores que mudam totalmente o quadro...

Soraya: Como o lá de cima, da Máxima

Sabrina: Como o lá de cima

Soraya: *Lá na Máxima não teve esse negócio não, quando chegou eu e Mia, quando chegou, entortaram a unha da gente, que a unha era grande. Entortaram assim pra trás. Disse coisa assim de “Vou raspar a cabeça de vocês”.*

Entrevistadora: Isso os presos?

Soraya: *Os agentes. Disse também “vão apanhar agora”. Virar homem.*

Sabrina: *Eu apanhei na Máxima. Muito. Dos agentes.*

Soraya: *Puxaram unha, puxaram cabelo. Ai jogou a gente pra dentro da cadeia. Assim, na marra. Depois foi que tirou a gente, acho que já ficou com medo de alguma coisa e tirou a gente, e fez eu assinar o papel. Fez a gente assinar assim “Bora, assina isso aqui”. Eu pensava que era transferência, alguma coisa assim. Aí eu assinei. Aí com muito tempo depois, depois uns 6 meses, eu acho, foi o Direitos Humanos lá.*

Entrevistadora: Já veio Direitos Humanos aqui também?

Soraya: *Aqui não. Aí foi lá e chamou a gente na grade e perguntou como foi, aí a gente falou “o tratamento daqui foi ótimo, mas a respeito dos presos. Mas a chegada da gente não foi muito boa não”. A gente falou. Aí nisso conversaram mais e depois foram embora. Não sei no que deu. Agora aqui não, aqui foi outra história. Aqui foi um tratamento... Eu vim com um medo tão grande, pensei meu deus do céu, o que vai acontecer comigo aqui embaixo.*

Sabrina: *Sozinha*

Soraya: *Sozinha, sem outra bicha, sem nada. Ai eu disse “ei, ela não pode ir não?” Chamando Mia pra vir.*

Entrevistadora: Mia ficou lá?

Soraya: *Mia ficou lá, tá lá sofrendo até hoje. Agora eu acho que tá menos porque tá junto né? Com o diretor. Ela deve estar melhorzinha. Mas aqui foi um tratamento diferente demais, chamou pra conversar, o diretor, né, perguntou como eu queria ser chamado e eu disse. Pronto, você vai ficar em tal canto, tal tal tal, até hoje, tudinho*

trata a gente bem. Os presos também, mas lá na máxima o negocio é diferente, pra gente, assim. Aqui já não é...

Sabrina: Lá eu apanhei também de palmatória, de bota, de corda, uó.

[A entrevista foi interrompida e precisou ser encerrada, pois seria feita a contagem dos presos].

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca M.; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** Coleção Primeiros Passos, 1981.

ANJOS, Gabriele dos. **Identidade sexual e identidade de gênero: Subversões e permanências.** Artigo eletrônico. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n4/socn4a11>> acesso em 19 de novembro de 2018.

Associação Internacional de Gays e Lésbicas. Disponível em <https://www.ilga.org/downloads/02_ILGA_State_Sponsored_Homophobia_2016_ENG_WEB_150516.pdf> acesso em 06 de Novembro de 2018.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?** 2ª edição, São Paulo: Brasiliense, 2012. 222f.

BRASIL. **Código Penal.** Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Senado Federal: Centro Gráfico, promulgação: 05 de Outubro de 1988.

_____. **Lei de execução Penal.** Lei nº 7210 de 11 de julho de 1984.

_____. Superior Tribunal de Justiça. **Recurso Extraordinário nº 670422.** Rio Grande do Sul. Relator Atual: Ministro Dias Toffoli. 01 de Março de 2018. Disponível em < <http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=4192182>> acesso em 26 de Novembro de 2018.

“**Cartilha da Mulher Presa**” elaborada pelo Conselho Nacional de Justiça. Disponível em <<http://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario-e-execucao-penal/cartilha-da-mulher-presa>> acesso em 26 de novembro de 2018.

“**Cartilha da Pessoa Presa**” elaborada pelo Conselho Nacional de Justiça. Disponível em <<http://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario-e-execucao-penal/cartilha-da-pessoa-presa>> acesso em 26 de novembro de 2018.

CASTILHO, Ricardo. **Direitos Humanos.** 5ª Ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas Qualitativas em Ciências Humanas e Sociais.** Petrópolis, R.J.: Vozes, 2008.

Cirurgia de transgenitalização. Disponível em <<https://www.tuasaude.com/cirurgia-de-transgenitalizacao/>> Acesso em 06 de Novembro de 2018.

Classificação Internacional de doenças. Disponível em <<http://www.who.int/health-topics/international-classification-of-diseases>> acesso em 20 de novembro de 2018.

Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem. Disponível em <https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/b.Declaracao_Americana.htm> acesso em 01 de Novembro de 2018.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em <http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/declaracao_universal_dos_direitos_do_homem.pdf> acesso em 01 de Novembro de 2018.

Estrutura cromossômática. Disponível em <http://www.physiology.org/doi/full/10.1152/physrev.00009.2006> acesso em 06 de Novembro de 2018.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª edição, Atlas S.A., São Paulo, 2008.

HOGEMANN, Edna Raquel. **Danos Morais e Direitos da Personalidade: uma questão de dignidade, in Direito Público e Evolução Social**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

Homo Sapiens. Disponível em <https://www.significados.com.br/homo-sapiens/> acesso em 06 de Novembro de 2018.

Manifesto pela Rede Internacional pela Despatologização Trans. Disponível em <http://stp2012.info/old/pt/manifesto> acesso em 06 de Novembro de 2018.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização in Sociologias**. Porto Alegre. Ano 11. N. 21, 2009.

Notícia. Disponível em <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/segurancapublica/detentos-da-cppl-3-reclamam-de-humilhacoes-no-presidio-eles-mijaram-na-gente/> acesso em 26 de novembro de 2018.

Resolução Conjunta do Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/participacao/conselhos/conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao-lgbt/145-conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao-lgbt/281-conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao-lgbt> acesso em 16 de novembro de 2018.

Resolução nº 11, da Secretaria de Administração Penitenciária. Disponível em <http://www.justica.sp.gov.br/StaticFiles/SJDC/ArquivosComuns/ProgramasProjetos/CPDS/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20SAP-n%C2%BA%2011.pdf> acesso em 15 de novembro de 2018.

SANTOS, Leonardo Silva Maximiano dos. **Expressão de Gênero o Presídio do Serrotão em Campina Grande – PB**. 2015. Monografia (Bacharelado em Direito) – Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba, 2015.

Sexismo. Disponível em <https://www.significados.com.br/sexismo/> acesso em 06 de Novembro de 2018.